

# Programa 2014

XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA

TERRACE CAFÉ O MOINHO, PORTO FORMOSO, S.  
MIGUEL, AÇORES

ISBN: 978-989-8607-03-4





**XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA – AICL**  
ISBN: 978-989-8607-03-4

A LUSOFONIA ATLÂNTICA

MOINHO TERRACE CAFÉ, PRAIA DOS MOINHOS, PORTO FORMOSO, SÃO MIGUEL, AÇORES  
24 – 27 ABRIL 2014



### **1. AICL PRINCÍPIOS E OBJETIVOS**

1. OS “**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA** – AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, são um movimento cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.
2. A Associação tem por objeto promover A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade.
3. Para a consecução destes objetivos compromete-se a
  - a) Promover encontros científicos, desenvolver estudos universitários e outros, para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, procurando o apoio das Instituições nacionais e internacionais;
  - b) Desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, em estreita ligação com outras entidades;
  - c) Promover cursos e bolsas de estudo na área da Cultura em parceria com outras instituições universitárias e culturais;
  - d) Fomentar a divulgação de obras em português com reedições e traduções;
  - e) Criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação

4. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias.
5. A todos nós incumbe o dever de promover a defesa, a expansão e o prestígio da nossa língua comum, patrocinando a publicação, a tradução e difusão por todo o mundo de obras literárias, científicas e artísticas, de autores de língua portuguesa.
6. Em defesa da Lusofonia, da nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiosincrasias,

A nossa divisa é “**NÃO PROMETEMOS, FAZEMOS** “

### **2. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE**

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores, Brasil, Macau e Galiza está a negociar idas aos EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Polónia, Roménia, França e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, "*I had a dream...*" para explicar como já realizámos vinte Colóquios da Lusofonia. Criados em 2001, somos uma associação cultural e científica sem fins lucrativos desde 2010 e cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo (quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a), mas partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha

designação mais abrangente), mas temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, ao contrário do mundo ocidental que confunde multiculturalismo com islamismo e outros ismos, temos definido a nossa versão de Lusofonia.

Mas o que entendemos como Lusofonia foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades. Se aceitarem esta nossa visão muitas pontes se poderão construir onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

#### **No 1º COLÓQUIO 2002 AFIRMOU-SE**

Pretendia-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra

congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes.

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos que

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.*

*Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.*

*A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas*

*nativas.”*

Posteriormente contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido, tal como Crystal afirma no caso do Cumbric, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na*

sua origem.

Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como *kingly* (Anglo-saxão), *royal* (Francês), e *regal* (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No

*Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo."*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

NO PRIMEIRO COLÓQUIO EM 2001, patenteámos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências.

Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

#### NO 2º COLÓQUIO 2003 DISSE-SE

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e

do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a

desresponsabilização. Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

### No 3º Colóquio 2004, cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se

Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes. Este colóquio como pedrada no charco que pretendia ser visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram.

Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Em 2004, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio em 2005 sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste,

ESCREVIA-SE

*"O português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade",* defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa *"tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas"* e é tanto mais plausível porque *"o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense"* e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial *"não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico"*.

*"O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tetum-Díli",* afirma Hull. *"A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua portuguesa.*"

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para este 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe XIMENES BELO, e muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente Kay Rala XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso.

*Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos".*

O objetivo destas iniciativas é *"aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades"*.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que *"foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor"*, e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os

professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiosincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste colóquio era o futuro do português em Timor. *“O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o tétum”*.

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que *“de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”*. Por isso

*“não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países”*.

#### EM 2006 NO 5º COLÓQUIO

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela região autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos

portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polémico dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. *“Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcançá-lo ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de*

*traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.”* Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes

diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se acabou de ver na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira polífrica da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os esses países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua

cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

**Em 2007** um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: “*O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.*” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei aqui formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população

independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de

despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes, todos os que têm o Português como língua, seja língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011) e Maia (2013).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e

protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a *identidade açoriana* não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. *Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.*

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes

**Em 2007** atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

**Em 2008** inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano**

**Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

**Em 2009** definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

**Em Janeiro de 2010** lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos

levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010, os colóquios deslocaram-se ao Brasil, foram recebidos na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello.

Em Bragança nesse ano, na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

**Em 2011** uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos que ainda não trouxeram resultados práticos.

Nesse ano de 2011 fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar a antologia bilingue de autores

açorianos, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que *olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.*

**EM 2012 NA LAGOA**, reunimos 9 autores na **HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO**: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

**NA LAGOA E NA GALIZA (2012)** difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012).

**NA MAIA (2013)** lançaram-se vários novos projetos, a antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras), um cancionero, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade.

**EM SEIA (2013)** criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, grupo criado em 2002 e certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa de CNPq – Brasil ([www.fllch.usp.br/dl/li](http://www.fllch.usp.br/dl/li)). O Corpus da Lusofonia será composto de textos

em língua portuguesa de diversos países lusófonos. A criação do Corpus da Lusofonia foi proposta por José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 20º colóquio ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Prosseguiremos com traduções de excertos de autores açorianos.

Vamos tentar colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores) e porfiar para lançar no 21º colóquio a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a *antologia no feminino* "9 ilhas, 9 escritoras".

Vamos lançar o 2º Prémio Açorianidade (2014 - Brites Araújo), e publicar o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º colóquio além de tentar criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores

como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

-*"É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) "* - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a

fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufacturados.

Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto,

fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual.

A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...

A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

#### **SOLUÇÃO – SÍNTESE:**

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Nós confirmamo-lo ao longo de 21 colóquios.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Refletamos sobre o que disse Martin Luther King: " O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

Leia o MANIFESTO CONTRA A CRISE: a língua como motor económico

- [http://www.lusofonias.net/doc\\_download/1045-manifesto-aicl2012.html](http://www.lusofonias.net/doc_download/1045-manifesto-aicl2012.html)

### 3. TEMAS 2014 MOINHOS

#### TEMA 1 LETRAS AÇORIANAS

- 1.1. A mulher e as letras nos Açores
- 1.2. A mulher nas letras lusófonas no resto do mundo
- 1.3. Literatura de matriz açoriana em geral
- 1.4. Açorianos em Macau e em Timor - D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado
- 1.5. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, por exemplo:
  - Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other engravings, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.*
  - Bullar, Joseph / Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].*
  - Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard.*
  - ORRICO, Maria "Terra de Lídia",
  - Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",

· Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim"

- Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad, Volume I*, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI

· Updike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp 11-37

### **TEMA 2 Lusofonia no mundo - Língua, linguística e literatura (lusófonas)**

- 2.1. Língua de Identidade e Criação
- 2.2. Língua Portuguesa no tempo e no espaço
- 2.3. Língua Portuguesa nos Mídia e no Ciberespaço
- 2.4. Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.5 Política da Língua
- 2.6. Lusofonia na arte e noutras ciências (vulcanologia, arqueologia, etc.)
- 2.7. Outros temas lusófonos

### **TEMA 3 Tradutologia.**

*Literatura lusófona, tradução de e para português*

### **TEMA 4. Homenagem a 9 autoras do Arquipélago da Escrita (Açores)**

- BRITES ARAÚJO, JOANA FÉLIX, JUDITE JORGE, LUÍSA RIBEIRO, LUÍSA SOARES, MADALENA FÉRIN, MADALENA SAN-BENTO, NATÁLIA CORREIA, RENATA CORREIA BOTELHO

### **4. SESSÕES CULTURAIS (MÚSICA/ARTE, etc.)**

- **DOIS RECITAIS CANCIONEIRO AÇORIANO: [RAQUEL MACHADO ATUA COMO MAESTRINA NOS DOIS RECITAIS, SUBSTITUINDO ANA PAULA ANDRADE](#), com alunos/as do Conservatório Regional De Ponta Delgada**

no dia 25 às 12h45 - Quarteto vocal: Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo)  
- no dia 27 - Trio instrumental: Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas) acompanhadas ao piano pela Raquel Machado.

- **UM RECITAL DE VIOLA DA TERRA**  
por [Rafael Carvalho](#)

- **MOSTRA DE LIVROS DA AICL**

- **[EXPOSIÇÃO INÉDITA DE ARTE PLÁSTICA DE ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA](#)**

- **SESSÃO ESPECIAL 40 anos de abril**

**(MÚSICA E POESIA) [ZECA MEDEIROS](#), [ANÍBAL RAPOSO](#), [VÂNIA DILAC](#), [Maninho e outros](#) E QUINTETO DA EBI DA MAIA**

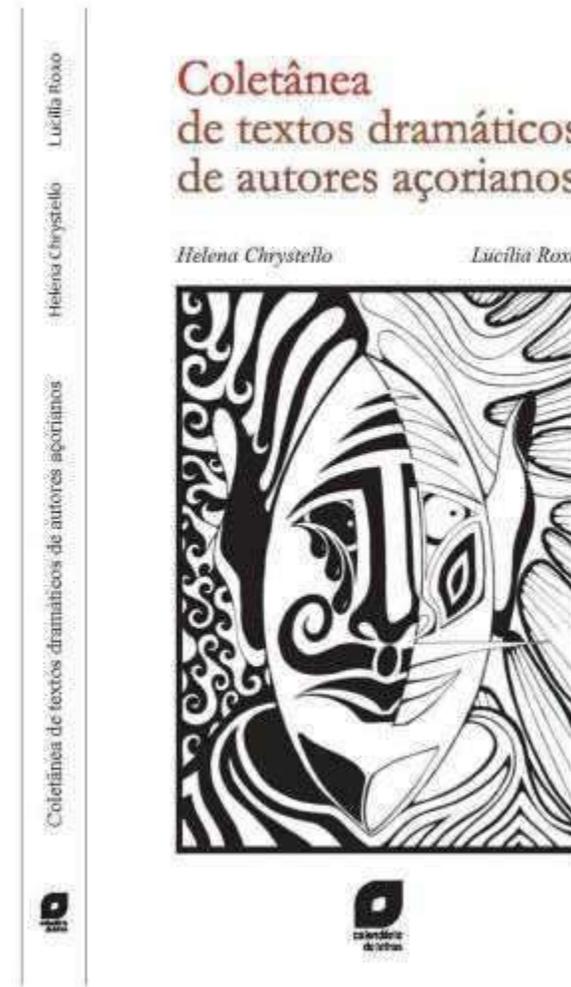


■ LANÇAMENTO DE LIVROS:

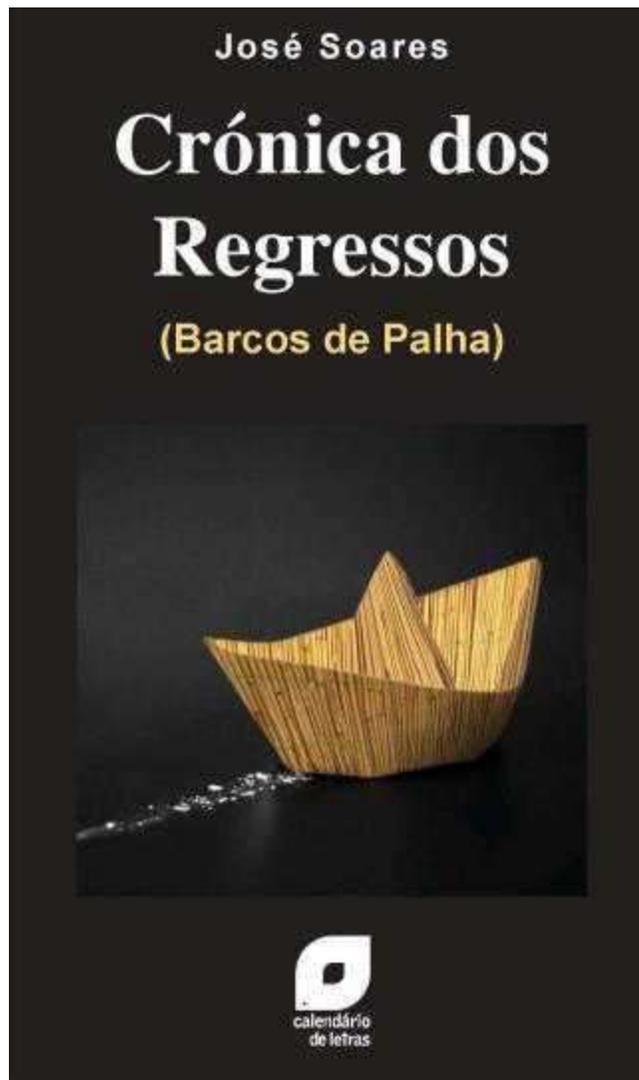
· ANTOLOGIA "9 ILHAS, 9 ESCRITORAS" HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO



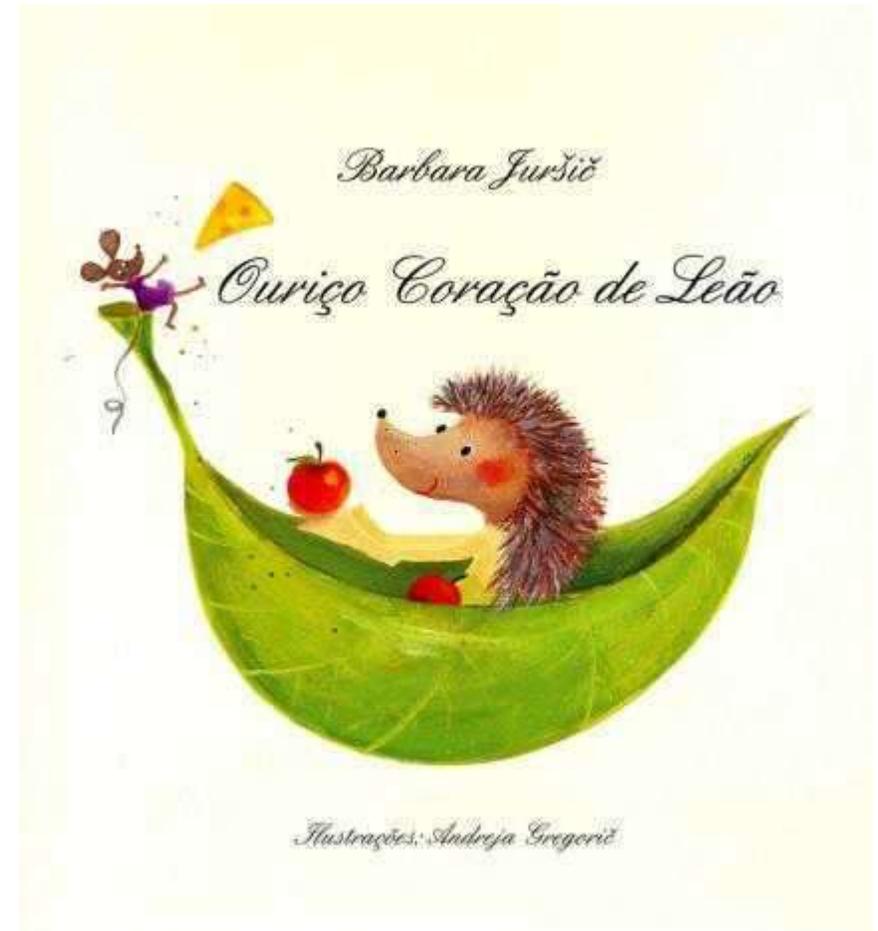
· COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS" HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO



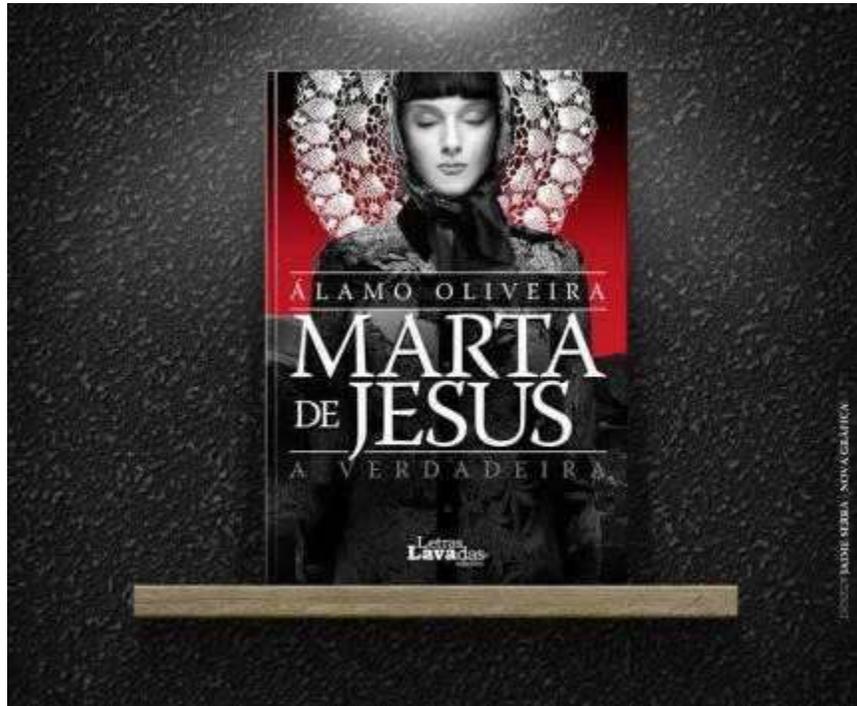
· [“CRÓNICA DOS REGRESSOS”](#) JOSÉ SOARES



· [“OURIÇO CORAÇÃO DE LEÃO”](#) BARBARA JURŠIČ



7.5. "MARTA DE JESUS" ÁLAMO OLIVEIRA,  
apresentado por ROLF KEMMLER



■ SESSÕES DE POESIA DE

- CHRYS CHRYSTELLO com LUCIANO PEREIRA
- SUSANA TELES MARGARIDO
- ÁLAMO OLIVEIRA
- EDUARDO BETTENCOURT PINTO
- MARIA DOVIGO

■ PASSEIO CULTURAL

- FÁBRICA DE CHÁ DE PORTO FORMOSO (visita à fábrica com uma entronização da Confraria do Chá

PRAIA DO MOINHO – LADEIRA DA VELHA - DEPOSIÇÃO DE FLORES NO OBELISCO \*\*\*

- - MIRADOURO DE SANTA IRIA e COROA DA MATA (MIRADOUROS)
- CURTA VISITA À RIBEIRA GRANDE
- VISIONAMENTO DO FILME "A VIAGEM AUTONÓMICA" DE FILIPE TAVARES

**5. LISTA ORADORES/PRESENCIAIS/CONVIDADOS/ORGANIZAÇÃO**

[Ver aqui lista de todos os participantes](#)

[Ver aqui lista de oradores](#)

**6. HORÁRIO DAS SESSÕES (limite 32 oradores)**

**Local:** O Moinho Terrace Café na Praia dos Moinhos em Porto Formoso

NB: No 21º colóquio, por razões de logística, os almoços e jantares estão reservados apenas para os convidados, oradores e presenciais (registados e previamente inscritos)

**Temos sessões de poesia, 4 apresentações literárias, 1 exposição de artes plásticas, 3 recitais e 1 sessão especial musical comemorativa dos 40 anos do 25 de abril**

[Ver horário aqui](#)

**Moderadores das sessões:**

Luciano Pereira  
Álamo Oliveira  
Concha Rousia  
Chrys Chrystello  
Helena Anacleto-Matias,  
Anabela Sardo  
Tiago Anacleto-Matias  
Helena Chrystello  
Zélia Borges

**Suplentes**

Rolf Kemmler, Norberto Ávila, Perpétua S Silva

**7. SINOPSES E BIODADOS - ORADORES, PRESENCIAIS,  
CONVIDADOS E ORGANIZAÇÃO**

**1. AFONSO TEIXEIRA FILHO, KATHOLIEKE UNIVERSITEIT, LEUVEN,  
BÉLGICA, BRASIL**



**AFONSO TEIXEIRA FILHO**, Brasileiro, casado, 52 anos.

Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP).  
Defendeu tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce.

É tradutor profissional, exercendo, atualmente, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven, Bélgica.

Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico, com atenção especial para a língua mirandesa.

É SÓCIO DA AICL

JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO, OURENSE, GALIZA 2012 E 20º EM SEIA 2013

TEMA 3. AS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DO PARAÍSO PERDIDO, DE JOHN MILTON, AFONSO TEIXEIRA FILHO, PROFESSOR DOUTOR, KATHOLIEKE UNIVERSITEIT LEUVEN.

O poema *Paradise lost*, do poeta inglês John Milton, foi escrito em uma época em que a Inglaterra se encontrava dominada pela crença puritana. Milton exerceu algum cargo governamental no governo de Oliver Cromwell, mas escreveu seu grande poema já durante a restauração da monarquia no país. A ideia de Milton era escrever um poema que narrasse a queda do primeiro homem, Adão, e fazer da perda do Paraíso um poema épico.

Embora possamos ver uma relação entre a narrativa bíblica e a política inglesa da época de Milton, sendo a época dos Parlamentos o paraíso perdido, e a monarquia restaurada a época do governo de Satanás, o fato é que o poema de Milton acaba por transformar Satanás no verdadeiro herói da epopeia.

A figura de Satanás é, no entanto, uma simples interpretação errônea e teológica de algumas passagens bíblicas, não uma personagem de fato. O termo hebraico *satan* (Satanás, em grego) é um substantivo comum

que podemos traduzir por “desafiador”, “contestador”, “inimigo”, etc. Milton constrói sua personagem com fundamento numa teologia equivocada. Mas sua personagem ganha dimensão e vida no poema, de tal sorte que supera a própria intenção do autor que era a de fazer um poema sobre Adão e Eva.

No entanto, grande parte dos tradutores buscou atenuar a força verbal de Satanás ao verter o poema para outras línguas. O propósito de nossa apresentação será mostrar como os recursos oratórios presentes no original se perderam nas traduções para o português.

---

**2. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR CONVIDADO, TERCEIRA, AÇORES**



**ÁLAMO OLIVEIRA** (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Terceira, Açores – maio de 1945. Fez o Curso de Filosofia no Seminário de Angra e o serviço militar na Guiné-Bissau (1967/69).

Foi catalogador na Biblioteca Pública e Arquivo de Angra (1970/71); Funcionário Administrativo no Departamento Regional de Estudos e Planeamento.

Em 1982, foi transferido para a Direção Regional da Cultura e, após a aposentação, foi convidado a colaborar, até 2010, na Direção Regional das Comunidades.

É sócio fundador do Alpendre - grupo de teatro (1976), onde tem sido diretor artístico e encenador.

Tem 36 livros com poesia, romance, conto, teatro e ensaio. Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa.

O seu romance *Até Hoje Memórias de Cão*, em 3ª edição, recebeu, em 1985, o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal.

Em 1999, recebeu o prémio «Almeida Garrett/Teatro» com a peça *A Solidão da Casa do Regalo*.

Tem poesia e prosa traduzidas para inglês, francês, espanhol, italiano, esloveno e croata. O seu romance *Já Não Gosto de Chocolates* está traduzido e publicado em inglês e em japonês.

Em abril de 2002, o Programa de Estudos Portugueses/ Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa, sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das artes plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autonómica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.



**É SÓCIO DA AICL.**

**OBRAS PUBLICADAS**

**POESIA**

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968  
Pão Verde, 1971 (esgotado)  
Poemas de(s) Amor, 1973 (esgotado)  
Fábulas, 1974 (esgotado)  
Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)  
Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)  
Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)  
Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)  
Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho),  
1983  
Triste Vida Leva a Garça (antologia 1967/81), 1984 – ed. Ulmeiro  
Textos Inocentes, 1986 (esgotado)  
Erva-Azeda, 1987 (esgotado)  
Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)  
António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra  
Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aguarelas de  
Álvaro Mendes), 2000  
Cantigas do Fogo e da Água (quadras sobre aguarelas de Álvaro  
Mendes), 2001  
Andanças de Pedra e Cal 2010

**TEATRO**

Um Quixote – 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)  
Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura  
(esgotado)  
Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)  
Sabeis quem É este João? 1984 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)  
Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)  
Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)  
Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999  
A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett - Ninguém, 2000 – ed.  
Salamandra  
Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

**ROMANCE**

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra  
Até Hoje Memórias de Cão, 1986 – ed. Ulmeiro; 1988 – ed. Signo; 2003 –  
ed. Salamandra  
Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega  
Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra; versão inglesa,  
2006 – ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.; versão  
japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha  
2013 - Murmúrios com vinhos de missa ed Letras Lavadas, PDL, Açores

**CONTO**

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura  
(esgotado)  
Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra

Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular' 2012, homenagem ao cantador popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

#### ENSAIO

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)

Olá, Pobreza! 1996 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

#### Antologias entre outras mais antigas

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011

In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2012.

**COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS**, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2013



#### VÍDEOS DO AUTOR EM

- <http://www2.camara.gov.br/camaranoticias/tv/materias/PAPO-LITERARIO/207902-PAPO-LITERARIO-MOSTRA-BIOGRAFIA-E-OBRAS-DO-ESCRITOR-ALAMO-OLIVEIRA.html>
- <HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YG5KN9D0IX4>
- <HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZUTHTRKXOIG>
- [https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=33&cad=rja&ved=0CDUQtWlwAjge&url=http%3A%2F%2Fwww2.camara.gov.br%2Ftv%2Fmaterias%2FPAPO-LITERARIO%2F207902-PAPO-LITERARIO-MOSTRA-BIOGRAFIA-E-OBRAS-DO-ESCRITOR-ALAMO-OLIVEIRA.html&ei=Dm3WUuDWM5Ow7AaJ1CoDw&usq=AFQjCNFn0rsW-mVBHcwtclT1Yqz8Vy3U1Q&sig2=hfxg\\_84anbwvYtQapiV3Yw](https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=33&cad=rja&ved=0CDUQtWlwAjge&url=http%3A%2F%2Fwww2.camara.gov.br%2Ftv%2Fmaterias%2FPAPO-LITERARIO%2F207902-PAPO-LITERARIO-MOSTRA-BIOGRAFIA-E-OBRAS-DO-ESCRITOR-ALAMO-OLIVEIRA.html&ei=Dm3WUuDWM5Ow7AaJ1CoDw&usq=AFQjCNFn0rsW-mVBHcwtclT1Yqz8Vy3U1Q&sig2=hfxg_84anbwvYtQapiV3Yw)

#### A TRACEIRA DE JASUS ESTÁ EM

[http://www.lusofonias.net/doc\\_download/1085-alamo-oliveira-a-treceira-de-jasus.html](http://www.lusofonias.net/doc_download/1085-alamo-oliveira-a-treceira-de-jasus.html)

#### VER O CADERNO AÇORIANO EM

[http://www.lusofonias.net/doc\\_download/762-caderno-05-alamo-oliveira.html](http://www.lusofonias.net/doc_download/762-caderno-05-alamo-oliveira.html)

#### VER A VÍDEO HOMENAGEM EM

[http://www.lusofonias.net/doc\\_download/1529-5-alamo-oliveira.html](http://www.lusofonias.net/doc_download/1529-5-alamo-oliveira.html)

PRESENTE NA GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013 E MOINHOS 2014 como  
CONVIDADO ESPECIAL NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

TOMA PARTE NA APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA NA EBI DA MAIA DIA 24

LANÇA O LIVRO “MARTA DE JESUS, A AVERDADEIRA” APRESENTADO POR  
ROLF KEMMLER



PRÉ-LEITURA:

«O mundo configurado em «Marta de Jesus (a verdadeira)» é

fundamentalmente o das Flores, um mundo rural em «queda», social, económica, sem sinais de redenção à vista, e a utopia de transformação do país a partir desse espaço remoto e graças à acção de um pequeno grupo como o de Emanuel Salvador e seus seguidores, essa utopia, dizia eu, não passa disso mesmo e acabará por tropeçar nas contingências do próprio tempo, sem que tenha qualquer efeito prático o papel de mentor ideológico desempenhado a partir de Lisboa por Pedro (o intelectual saído das Flores tempos antes).»

### 3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA



Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de

Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega. Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses.

Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural.

Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pola UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pola USC. Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos

diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social.

Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

### É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS BRAGANÇA 2006, 2007,2009,2010, GALIZA 2012

### TEMA 2.1 O PORTUGUÊS DA GALIZA SEGUNDO O SEXO DOS UTENTES

1. As mulheres como elemento fulcral na socialização de comportamentos, incluídos os linguísticos.

- 1.1 As mulheres e o seu papel na permanência na Galiza do português
- 1.2 A modernização, e o papel da escola e meios na socialização de comportamentos
2. A urbanização e modernização da sociedade galega e efeitos no comportamento linguístico dos sexos.
  - 2.1 O dimorfismo linguístico segundo o sexo do utente
  - 2.2 O efeito da pressão ambiental nos modelos linguísticos
3. Consideração final

---

*ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES*

*Ausente na Alemanha será substituída por Raquel Machado*



**ANA PAULA ANDRADE** [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no

Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando **desde 2004** o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

## PROGRAMA XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA. MOINHOS. PORTO FORMOSO. AÇORES 24-27 abril 2014 – Página | 31

Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



NO IPM (MACAU)2011

No 16º colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º COLÓQUIO na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, **de** flauta e viola da terra.

No 18º colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



com a

UDESC EM SANTA CATARINA 2010

No 19º colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (violino) e a soprano Raquel Machado.

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.

Dará dois recitais de música (piano) do cancionário açoriano **e de obras de compositores açorianos.**

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL / SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL

ATUOU EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2008, LIDERANDO AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008 E 2009, LAGOA 2008, 2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011 E VILA DO PORTO 2011, LAGOA, OURENSE – GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013.

**4. ANABELA FREITAS (MIMOSO), CEI-EF ULHT, GAIA, PORTUGAL**



**ANABELA BRITO FREITAS MIMOSO, Cei-EF ULHT**, nasceu em Lisboa, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também obteve os graus de mestre e de doutora em Cultura.

É investigadora do Cei-EF da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia onde terminou este ano um projeto financiado pela FCT, no campo do associativismo docente. Tem também desenvolvido estudos na área da literatura, sobretudo da tradicional e da literatura infantil, bem como da história do pensamento pedagógico e da história do corpo. Publicou ainda, sobre essas mesmas temáticas, vários artigos em revistas e capítulos de obras. Faz regularmente comunicações em congressos, nacionais e internacionais e conferências,

Tem uma vasta obra escrita que vai desde a ficção infantojuvenil (obras como: *D. Bruxa Gorducha*, *Foz Coa – entre céu e rio*; *As férias do caracol*; *Aquela palavra mar...*), mas também para adultos (*A vida pela metade*, *Quando nos matam os sonhos*, *A sagração do amor*), à literatura tradicional (*Contos tradicionais do povo açoriano de Teófilo Braga*: introdução, seleção e notas), passando por estudos sobre a Geração de 70 (*S. Cristóvão de Eça de Queirós – introdução*), e por estudos sobre autores de matriz açoriana. Foi ainda autora de manuais para o ensino da Língua Portuguesa para os 2º e 3º ciclos.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

TEMA 1.3. REBELO DE BETTENCOURT – RAÍZES DE BASALTO

No ano em que se comemora o 120º aniversário do nascimento de José Rebelo de Bettencourt, é de inteira justiça divulgar a sua obra. Nascido a 30 de agosto de 1894 em Ponta Delgada e falecido a 4 de setembro de 1969, também em Ponta Delgada, José Rebelo Bettencourt, ou Rebelo de Bettencourt, como assinava frequentemente, foi poeta, ensaísta, tradutor e um marcante jornalista.

Conheceu muitas figuras do panorama literário e artístico da época, como Antero de Figueiredo, João de Barros, de quem foi amigo pessoal, Dias de Melo, Eduíno de Jesus, Domingos Rebelo, Artur Duarte, Stuart Carvalhais (que apresentou a Columbano e a quem homenageia por ocasião da sua morte).

Conheceu também Almada Negreiros, numa exposição no salão Bobone de quadros que escandalizaram os burgueses de então. Em 1917, Carlos Filipe Porfírio, prestes a lançar o *Portugal Futurista*, apresentou-o, no Martinho da Arcada, a Santa-Rita Pintor.

Esses conhecimentos valeram-lhe o convite para colaborar no número único do *Portugal Futurista*. Mas apesar de dedicar algumas páginas de admiração aos poetas de *Orfeu*, de facto o seu pensamento estava bem mais de acordo como nacionalismo literário de um Afonso Lopes Vieira, que tanto admirava, ou de Correia de Oliveira, como está bem patente na sua obra poética.

Embora com as raízes de basalto, R.B. tem um lugar importante no panorama literário e intelectual português da primeira metade do século XX.

#### 5. ANABELA NAIA SARDO, IPG, GUARDA PORTUGAL



**ANABELA OLIVEIRA DA NAIA SARDO** é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). É, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000. Faz parte do Conselho Técnico-científico desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012. Desde 2009, é membro do Conselho Superior de Coordenação e do Conselho para a Avaliação e Qualidade do IPG.

Para além da investigação que tem vindo a realizar acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da

área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural.



Integra, neste momento, a equipa coordenadora e investigadora do projeto “UDI – Observatório de Turismo da Serra da Estrela”, financiado pela Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI) e aprovado pela FCT (Observatório de Turismo da Serra da Estrela – Um Instrumento para a Sustentabilidade do Turismo na Serra da Estrela” | EXPL/ATP-EUR/1530/2012).

Tem publicado artigos na área da Literatura Portuguesa e na do Turismo, na qual tem coordenado publicações. É coautora (com António Melo, Gonçalo Fernandes, José Alexandre Martins, Vítor Roque) do livro *POSTOS DE TURISMO DO DESTINO SERRA DA ESTRELA – ANÁLISE DA SITUAÇÃO E FUNCIONALIDADES* (OTSE – Observatório de Turismo da Serra da Estrela, Escola Superior de Turismo e Hotelaria, Instituto Politécnico da Guarda. ISBN: 978-972-8681-49-4, 2013).

É sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia - e membro suplente da Direção.

Faz parte da Comissão Científica Permanente da AICL (tríénio 2013 -15), da Comissão Científica do 21º Colóquio da Lusofonia e é adjunta do Secretariado Executivo.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. - MEMBRO SUPLENTE DA DIREÇÃO

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRASIL 2010, BRAGANÇA 2011, MACAU 2011 E VILA DO PORTO SANTA MARIA, 2011 GALIZA, 2013 SEIA

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

APRESENTA A OBRA “COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS” DE HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO

TEMA 2.2. A PROPÓSITO DO TEXTO ‘OS INSUSPEITOS’, AS PAIXÕES DE ANA TERESA PEREIRA

Inserindo-nos no tema “A mulher nas letras lusófonas no resto do mundo” e acalentados pela vontade de homenagear “a mulher e as letras nos Açores”, trazemos até vós um texto da escritora portuguesa Ana Teresa Pereira, também nascida numa ilha, neste caso no arquipélago da Madeira.

O objetivo é apresentar a obra da escritora, os prémios que lhe foram atribuídos até 2012 e realçar aquela que é uma das suas paixões, a Literatura.

Ana Teresa Pereira assume, abertamente, o carácter autobiográfico da sua obra, espaço no qual verte, sem inibição, as suas obsessões: a Literatura, o Cinema e a Pintura. Iremos, a título exemplificativo, trazer a lume “Os insuspeitos”, narrativa inicial de Histórias Policiais, um livro publicado em 2006 e composto pelo texto mencionado e por três novelas (duas das quais, “A noite dá-me um nome” e “A cidade fantasma”, tinham tido uma primeira publicação, na Editorial Caminho, em 1993), para falar da importância da literatura policial nas narrativas pereirianas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa Contemporânea; Ana Teresa Pereira; Histórias Policiais (2006); paixão pela literatura.



**ANÍBAL DUARTE RAPOSO**, nasce na freguesia de Relva, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel nos Açores, a 5 de dezembro de 1954.

Faz parte, com José Medeiros, Luís Alberto Bettencourt e outros, de uma geração de cant'autores que nos últimos 30 anos tem renovado a música açoriana com temas e poesia originais que, bebendo fundo nas raízes do cancionero das ilhas sofrem influências dos grandes compositores da música popular portuguesa, da MPB e até da música clássica.

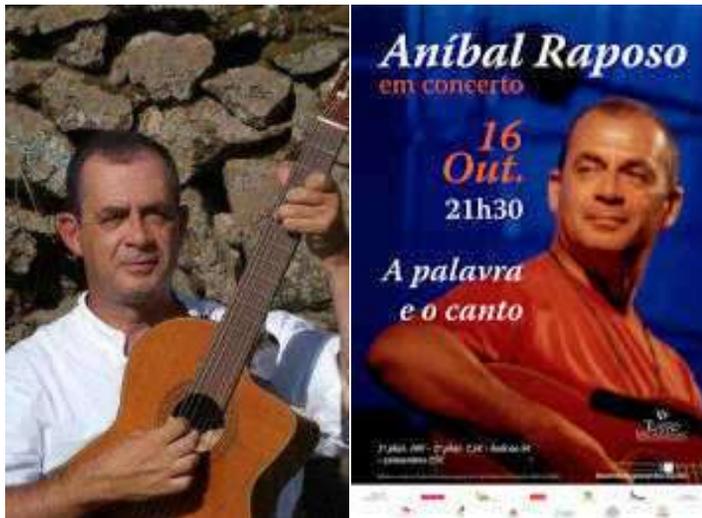
De 1973 a 1978 licenciou-se no Porto em engenharia mecânica tendo à época feito parte da direção do TUP (Teatro Universitário do porto).

De regresso aos Açores em 1978 funda diversos grupos com projeção local tais como o Construção, Rimanço e Albatroz.

Tem atuado em todas as ilhas açorianas, na Madeira, em Portugal continental e no estrangeiro e gravado diversos trabalhos para séries da TV açoriana tais como “O barco e o sonho” e “Balada do Atlântico”.

Está representado em discografia diversa com outros autores sendo de salientar os seguintes trabalhos:

## 6. ANÍBAL RAPOSO, COMPOSITOR, AÇORES



## PROGRAMA XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA. MOINHOS. PORTO FORMOSO. AÇORES 24-27 abril 2014 – Página | 36

- "Maré cheia" com 15 temas originais editado no final de 1999;
- "A palavra e o canto" com 11 temas originais editado em abril de 2006;
- "Rocha da Relva, com 10 temas originais apresentado a 2 de agosto de 2013 em parceria com a banda Connection e com a cantora Vânia Dilac. Este novo trabalho é uma homenagem à terra que o viu nascer e particularmente a um dos locais que mais aprecia, a sua fajã.

O seu último espetáculo foi realizado a 13 de setembro, com as mesmas parcerias, na Praça do Município de Ponta Delgada. Contou com forte adesão do público e com gravação ao vivo da RTP Açores.

Aníbal Raposo tem musicado igualmente grandes poetas açorianos tais como Natália Correia, Emanuel Félix e Álamo de Oliveira.

É membro da Sociedade Portuguesa de Autores desde 1996.

**TOMA PARTE (PELA PRIMEIRA VEZ) NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL.**



VÍDEO

**"Dança"- música e letra de Aníbal Raposo. Single do CD "Rocha da Relva"**

Carregado por Aníbal Raposo

<http://www.youtube.com/watch?v=aLyHzTmSPol&feature=share>

Este é o primeiro video do meu último CD "Rocha da Relva". Espero sinceramente que gostem.

Ver em <http://apalavraecanto.blogspot.pt/> 25 Anos de música Original nos Açores: Tema para Margarida (Aníbal Raposo/Vítor Rui Soares; arranged by Rafael Fraga: <http://t.co/oHEyovrBBs>



**Tema para Margarida (Aníbal Raposo/Vítor Rui Soares; arranged by Rafael Fraga) <http://www.youtube.com/watch?v=D0GivD1bbn4&feature=youtu.be>**

25 Anos de música original nos Açores - 2010 CD/DVD pack | music recorded at Teatro Micaelense, Azores (Portugal) Track: Tema para Margarida (music by Anibal Raposo



Ver <http://rochadarelvacd.blogspot.pt/>

**7. BARBARA JURŠIČ MINISTÉRIO DO INTERIOR, ESLOVÉNIA**



**Barbara JURŠIČ** n. 1971 em Ljubljana, Eslovénia, 20.06.1971

[ajsi.disi@gmail.si](mailto:ajsi.disi@gmail.si), [barbara.jursic@gov.si](mailto:barbara.jursic@gov.si)

Barbara JURŠIČ n. 1971 em Ljubljana, Eslovénia, onde mora.

Licenciada em língua e literatura francesa e espanhola; Mestre em Estudos românicos, especialização em Literatura portuguesa e doutoranda, Univerza v Ljubljani, Filozofska fakulteta, e Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras; Literatura portuguesa ("Metamorfoses da identidade nacional de Portugal na Península Ibérica através da literatura dos séculos XIX e XX").

Tem diploma de estudos de língua e literatura portuguesa, Universidade de Coimbra, curso de interpretação de conferência, Bruxelas, Comissão europeia e vários cursos de tradução técnica.

Tem atuado nas áreas de tradução técnica e literária, bem como em interpretação (simultânea, consecutiva para o Governo esloveno e o

português, (Presidente da República da Eslovénia, Primeiro-ministro de Portugal, Presidente da República Bolivariana da Venezuela).

Tem trabalhado em jornalismo (revistas e jornais eslovenos e portugueses, Rádio e TV eslovena; muitos artigos escritos ou traduzidos e programas (sobre autores lusófonos e eslovenos, cultura eslovena ou portuguesa).

Organizou eventos culturais (p.e. Sarau brasileiro 2012, na Associação de tradutores literários eslovenos), tem feito traduções literárias de português para esloveno: José Saramago, Paulo Coelho, Fernando Pessoa, Imã Lúcia, António Lobo Antunes, Mia Couto, José Saramago, Gonçalo M. Tavares, Mário de Sá-Carneiro, Bernardo Carvalho e Coletânea do conto português contemporâneo, entre outros.

ARTIGOS PUBLICADOS:

- O fantasma de Ricardo Reis segundo Saramago, Revista Colóquio/Letras. Ensaio, n.º 181, Set. 2012, p. 117-124,
- As personagens femininas em O Ano da Morte de Ricardo Reis, revista TriploV, Lisboa, ISSN: 2182-147X, 2011, número 14,
- Izseljenec kot mrtvec, ki ne najde večnega počitka: kubanska pisateljica Zoe Valdés (sobre a escritora cubana Zoe Valdés e uma entrevista com ela), Delo, 2008,
- Pesmi: Sophia de Mello Breyner Andresen (Obra poética de Sophia), Nova revija, Ljubljana, 2006,
- Preden pisatelj preide v pozabljenje, pripoveduje: švedski Urugvajec Leonardo Rossiello (sobre a obra de Leonardo Rossiello e uma entrevista com ele), Delo, Ljubljana, 2005,

- Pridem domov in sedem k prevodu: priznanje za mladega prevajalca 2005 (entrevista feita comigo quando fui condecorada com o prémio para melhor tradutor jovem), Delo, Ljubljana, 2005,
- Luna potuje počasi, a prepotuje ves svet: poslovenjeni mozambiški pisatelj Mia Couto (sobre a obra de Mia Couto e uma entrevista com ele), Delo, Ljubljana, 2005,
- Med slepoto in lucidnostjo: José Saramago, Vrhunci stoletja 25 (sobre a obra de José Saramago), Delo, Ljubljana, 2004,
- Razmišljanja o primerjalni književnosti: Tânia Franco Carvalhal: O próprio e o alheio (reflexões sobre a obra de Tânia Franca Carvalhal, literatura comparada), Društvo za primerjalno književnost, Ljubljana, 2004,
- Numerosos artigos sobre temas variados para o jornal português A Comarca (Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera), a partir de 2002, - Ordenador - tradutor?, Publicação da Associação de tradutores técnicos, DZTPS, Ljubljana, 1998,
- Artigos sobre o prémio Nobel José Saramago e o escritor António Lobo Antunes, Delo, 1998.

Tomou parte em várias conferências.

É vice-presidente da Associação eslovena de tradutores literários, membro do Comité administrativo e responsável pelas relações internacionais da Associação mencionada e membro do Comité organizativo para Ljubljana, capital do livro mundial, (em 2010), no Município de Ljubljana.

Em Dezembro de 2005 foi condecorada com o Prémio Nacional de Melhor Tradutor Jovem de 2005, atribuído em Ljubljana, pela tradução do

romance Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, e outras traduções do português.

### É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2006, RIBEIRA GRANDE 2007 E LAGOA 2009

### LANÇA LIVRO INFANTOJUVENIL "OURIÇO CORAÇÃO DE LEÃO"



TEMA 2.1. METAMORFOSES DA IDENTIDADE NACIONAL DE PORTUGAL NA PENÍNSULA IBÉRICA ATRAVÉS DA LITERATURA DOS SÉCULOS XIX E XX, BARBARA JURŠIČ

Na minha apresentação, vou tentar examinar alguns pontos de vista, trabalhados na minha dissertação de doutoramento. A identidade nacional, matéria do imaginário coletivo, tem longa história de definição e reconfigurações condicionada pelas circunstâncias históricas (socioculturais e políticas), exprimindo-se na Literatura de um modo mediato e simbólico, modo que perscrutarei através de textos mais representativos desse itinerário, assinalando os sentidos das transformações reconfiguradoras.

A identidade nacional portuguesa baseia-se nos assim chamados mitos fundadores, ligados aos acontecimentos históricos e existenciais de composição da nação portuguesa.

No ressurgimento do *nacionalismo* no século XIX, os heróis mitificados e, sobretudo, o país inteiro aparecem nas obras literárias dos autores e intelectuais daquela época, que são, para citar alguns, Almeida Garrett, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, António Nobre, Cesário Verde, Fernando Pessoa e Vitorino Nemésio e, José Saramago do século XX. Nomeadamente os autores românticos sublinhavam nas suas obras a grandeza anterior de Portugal e a decadência da época em que viviam. Portugal aparece na figura de Doido, de um rei decaído, chamado Ninguém. Entre a saga de Camões, onde no final os heróis recebem a recompensa na Ilha dos Amores, e as obras da época romântica pode assinalar-se um itinerário sinuoso da euforia e luminosidade às sombras da vivência e imaginários nacionais.

O meu *corpus* literário será, sobretudo, selecionado no século XIX: **Almeida Garrett: *Camões, Viagens na minha terra e Frei Luís de Sousa*, Júlio Dinis: *Os Fidalgos da Casa Mourisca e Uma Família Inglesa, Eça de***

**Queirós: *A Ilustre Casa de Ramires*, Guerra Junqueiro: *Pátria e Finis Patriae*.**

Tentarei comparar algumas das obras citadas com algumas das obras literárias eslovenas do mesmo século e fazer alguns paralelos entre as metamorfoses da identidade nacional eslovena e portuguesa.

Tendo em conta as teorias científicas da identidade e da alteridade, da fenomenologia e antropologia do *eu* e do *outro*, tentarei descobrir como, num espaço geográfico específico, neste caso, na Península Ibérica, Portugal se vê no quadro de uma relação em que o *outro*, vizinha Espanha e, mais tarde, a Europa, se constitui como *espelho* através do qual o próprio se *define* e se *vê definido*.

Será este *olhar em relação* que observarei nos textos oitocentistas, onde aparece a *narrativa identitária* que se prolonga até ao século XX, escolhidos estrategicamente: as paisagens nacionais são *compreendidas* pela subjetividade dos autores que nelas assinalam motivos, figuras, situações e histórias onde se cristalizam as suas *interpretações* da identidade nacional, uma hermenêutica da cultura evidenciando a tradição e a modernidade, a inovação e os modelos, a relação entre a comunidade e a literatura e entre o *eu* e o *outro* nacionais.

Com o desenvolvimento da reflexão e da investigação, espero poder definir o modo como o século XIX e parcialmente o século XX literário português encararam a função dos textos literários no processo de formação, de preservação e de revivificação da identidade nacional portuguesa em diferentes épocas de existência da Nação portuguesa (nação, estado, pátria).

Tentarei verificar se os textos literários tiveram alguma influência na formação da identidade nacional portuguesa, qual foi o caminho dos mitos através da literatura e como estes co-formaram a literatura de Portugal até hoje.

A resposta a esta questão científica ajudará criar uma visão geral da literatura portuguesa no contexto geográfico da Península Ibérica que recorre ao mito e, por conseguinte, iluminar o ponto de vista histórico-político-social à esta questão.

Apresentará também novas possibilidades de abordagem desta questão que, até agora, tem sido tratada de maneira mais dispersa em Portugal e ainda não tratada na Eslovénia. Possibilitará o tratamento deste tema na sua complexidade.

**8. TEREZIJA CVETKA JURŠIČ, ESLOVÉNIA, ASSISTENTE PRESENCIAL**

**9. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA AÇORIANA**



Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micaelense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas.

Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.

Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena antologia de poetas açorianos.

Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido.

Após uma ausência de 10 anos, em que andei por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.

**É SÓCIO DA AICL**

**FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

**10. CARLOS MATIAS, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**É SÓCIO DA AICL**

**JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013**

**CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO *Ausente na Alemanha***



**CAROLINA CONSTÂNCIA – ANA CAROLINA CONSTÂNCIA** – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna.

No curso básico de violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.



Atualmente está a frequentar o 3º ano da licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, continuando a manter uma prática regular do violino.

**TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013.**

**SERÁ SUBSTITUÍDA POR**

no dia 25 às 12h45 - Quarteto vocal: Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo)  
- no dia 27 - Trio instrumental: Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas) acompanhadas ao piano pela Raquel Machado.

▬

**11. CHRYS CHRYSTELLO, AICL – AÇORES/ AUSTRÁLIA**



Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, e é exemplo do mesmo numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro do lado paterno, Português e

marrano do materno. Publicou "Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1" (poesia, 1972). O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal local antes de ir à Austrália adotá-la como pátria. De 1967 a 1996 dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) e escreveu sobre o drama de Timor Leste. De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau e foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a Rádio Macau/TDM/RTP e jornalista para a TVB - Hong Kong. Depois, radicar-se-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne). Na Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários. Foi Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no de Saúde (NSW).

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português há quatro séculos.

Membro Fundador do AUSIT, Chrys lecionou na Universidade UTS, Sydney, Linguística e Estudos Multiculturais. Durante mais de vinte anos foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005), Foi orador em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau – China, etc.). Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012) e Revisor da Universidade de Helsínquia. Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008-2012). Salienta a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras

## PROGRAMA XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA. MOINHOS. PORTO FORMOSO. AÇORES 24-27 abril 2014 – Página | 43

em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça.



Foi admitido a 5 de outubro 2012 como **Académico Correspondente** AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa).



Mantém o interesse no ensino de tradução, multiculturalismo e Inglês.

É Membro do Conselho Consultivo do MIL.

Organiza desde 2001-2002, os Colóquios Anuais da Lusofonia (Porto, Bragança; Seia; Lagoa, Ribeira Grande e Maia (S. Miguel); Vila do Porto (Sta Maria, Açores), Brasil; Galiza e Macau.

É Editor dos **CADERNOS (DE ESTUDOS) AÇORIANOS**, publicação trimestral, online, <http://www.lusofonias.net/conteudo/estudos-acorianos/>

Entre 2006 e 2013, traduziu várias obras de autores açorianos para Inglês, além de excertos de escritores açorianos em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

**BIBLIOGRAFIA** (e-livros <http://www.scribd.com/cchrystello/shelf>)

1. Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto 1972, ed. do autor (esgotada)

[http://worldpubliclibrary.org/Members/eBooksBrasil\\_Collection/quotidianoinutil.pdf](http://worldpubliclibrary.org/Members/eBooksBrasil_Collection/quotidianoinutil.pdf)

2. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) Díli, Timor Português, abril 1974 ed. do autor (esgotada)

3. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 1973-81 (poesia) e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>

4. Crónicas Austrais - 1978-1998 (monografia) – 1ª ed 2000, e-book [/http://www.ebooksbrasil.org/historico/abril2002.html](http://www.ebooksbrasil.org/historico/abril2002.html)

5. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 2ª edição 2012, e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cronicasaustrais.pdf>.

6. Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 /ISBN 13/EAN: 9789728305758

7. Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. 2000 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/nacionais/ebookpro.html/>
8. East Timor - The Secret Files 1973-1975, 2ª ed. 2000 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/importados/index.html>
9. East Timor: The Secret File 1973-1975, 3ª ed. 2012 ed. e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>
10. Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter DVD-livro, 1ª ed. 2005 ISBN: 978-989-95641-9-0 ed dos Colóquios Anuais da Lusofonia <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>
11. Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança, <http://ebookbrowse.com/cancioneiro-transmontano-2005-pdf-d74440456>
12. Timor-Leste: 1973-1975 - O Dossiê Secreto - Para as Lendas e Memórias 3ª Ed. 2012 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf>
13. Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol 1), 2009 ISBN 989-8123-12-1
14. Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol 1), 2ª ed 2010 e-book online em: <http://www.scribd.com/cchrystello/shelf>
15. Crónica Açores uma circum-navegação, (vol. 2) 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Editora Calendário de Letras
16. Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) 1ª ed 2012 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>

17. Timor Leste vol. 2 - Historiografia dum Repórter - (1983-1992) 2ª ed 2012 CD-livro (mais de 3670 pp., inclui 3 volumes da trilogia), ISBN: 978-989-95641-9-0
18. Crónica do Quotidiano Inútil, vol. 1-5, ed. Calendário de Letras, 2012 (40 anos de vida literária) ISBN: 978 9728 985646
19. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia revista e aumentada) 3ª edição 2013, e-book

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E DA AGLP, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL. TOMOU PARTE NOS 20 COLÓQUIOS JÁ EFETUADOS**

**MODERA SESSÕES E INTERVÉM NAS SESSÕES DE POESIA**

**12. CÍCERO V. SANTOS, S. PAULO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**É SÓCIO DA AICL**

**TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008 E 2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, SEIA 2013**

**13. CLARICIA EGUTI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL ASSISTENTE PRESENCIAL**



**CLARÍCIA AKEMI EGUTI**, é Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, defendeu em 2008 a tese “A oralidade de José Cândido de Carvalho em *O coronel e o Lobisomem*”. Atuou como professora de Língua Portuguesa na USP e na Universidade Ibirapuera. Atualmente trabalha na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, na Coordenadoria de Gestão da Educação Básica – CGEB.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**14. CONCEIÇÃO ANDRADE, UNI. HARVARD EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



Conceição Araújo Andrade lecionou Português no Departamento de Romance Languages and Literature, Faculty of Arts and Sciences, na Universidade de Harvard, Estados Unidos da América do Norte, desde 2010 a 2014

Nos últimos 30 anos, Conceição Andrade dedicou-se intermitentemente ao ensino da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América do Norte. De 1992-2002, lecionou português no Banco Mundial, Washington D.C., a funcionários trabalhando em Países Lusófonos da África, e publicou vários trabalhos incluindo “Portuguese For Business Travelers”, World Bank (2002). De 1978-1992, foi instrutora de português em vários Institutos de Línguas, incluindo Languages Learning Enterprises, Language Inc., and Inlingua. Também foi tutora particular de estudantes da Universidade de Harvard, e Universidade da Carolina do Norte. Além do ensino, Conceição Andrade trabalhou como tradutora e revisora de Inglês-Português e Português-Inglês de relatórios e documentos oficiais do Banco Mundial, Universidade de Harvard, Universidade da Carolina do Norte, American Friends Service Committee, Ministério das Obras Públicas em

Moçambique, e como revisora, desenhadora e analisadora linguística de manuais de treinamento em Booz Allen and Hamilton. Foi intérprete num Tribunal do Estado da Virginia, e tradutora duma entrevista com o autor Dr. Fernando Namora, para a Fundação Kellogg.

Também trabalhou desde 1977-1985 em Bibliotecas, incluindo Widener Library, Harvard University, Biblioteca do Ministério das Obras Públicas (diretora), Moçambique, e na University of North Carolina.

Formou-se em Antropologia e Francês em 1993 na American University, Washington D.C., e recebeu um diploma de TESOL (Teaching English as a Second Language) em 1998, na mesma Universidade.

Conceição Andrade foi membro de várias instituições profissionais, incluindo APPEUC (Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá), ATA (American Translators Association), and WATESOL (Washington Area Teaching English as a Second Language).

Nascida nos Açores, está radicada nos Estados Unidos, e também viveu em Moçambique, Índia e Brasil.

---

**15. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, LISBOA, PORTUGAL ASSISTENTE PRESENCIAL**



**É SÓCIO DA AICL.**

**ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010**

**16. CONCHA ROUSIA, AGLP, GALIZA substituída pela colega  
ACADÊMICA DA AGLP MARIA DOVIGO**



**CONCHA Rodríguez PÉREZ**, Nascida o 04-10-1962, em Covas (Os Brancos, Galiza). Psicoterapeuta. Licenciada em 1995 em psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, *especialidade em psicologia clínica*. Master in Science, Marriage and Family Therapy, Universidade de Maryland, USA, 1999. Tese de graduação intitulada "Multilingualism and psychotherapy".

Secretária da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da Academia Galega da Língua Portuguesa em 2008.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Membro da associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil Galiza, fundado em 2009, apresentado publicamente em Santa Catarina em março de 2010 e em Madrid em outubro deste mesmo ano.

Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.

#### **PUBLICAÇÕES:**

**As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline ([www.arcosonline.com](http://www.arcosonline.com)), Arcos de Valdevez, Portugal.

"**Dez x Dez**" 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).

"**Cem Vaga-lumes**" Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.



**Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.

**Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.

**Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.

**Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado**. 2008, Gráficas Juvia.

**Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, RG, Brasil.

**Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.

**IV Antologia de poesia lusófona**. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.

Volume 7 da Coleção "**Poesia do Brasil**", XV Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em revistas galegas como *Agália* ou *A Folha da Fouce*; e em jornais como o *Novas da Galiza*, *Galícia Hoxe*, *A Nosa Terra*, *Portal Galego da Língua*, *Vieiros*, e em brasileiras como *Momento Lítero Cultural*.

**Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.

**Um dia**, Publicado em A Nossa Terra; 2006. Análise da violência de género.

**Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.

### PRÉMIOS

Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.

Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.

Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza com o romance "A Língua de Joana C"

Em março de 2010 fez parte da Comitiva Oficial do 13º colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa. Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, Out.º 2011.

Administradora do blogue republicadarousia.blogspot.com

### É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013

### PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

### INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

---

### 17. DANIELA FREGONESE, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

**Daniela Fregonese** nasceu em Itapira, SP, Brasil e atua como professora no Colégio Visconde de Porto Seguro em Valinhos, SP, Brasil. Obteve o título de Doutor em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

### TEMA 2.4 ANÁLISE DO DISCURSO DAS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: ESCOLHAS LEXICAIS PRIVILEGIADAS, DANIELA FREGONESE, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Através da aplicação de um método matemático-estatístico-computacional especialmente desenvolvido para o tratamento de dados linguísticos, a palestra propõe apresentar os resultados obtidos num corpus de natureza literária - mais especificamente contos de Machado de Assis -, a fim de observar de que modo escolhas lexicais pontuais e objetivas são fundamentais no modo de composição das temáticas centrais e de personagens femininas nos textos do autor.

Assim, investiga-se o léxico dos contos, focando-se o comportamento e atuação das personagens femininas nas narrativas e de que modo ideias, desejos, gestos, características físicas e psicológicas tornam-se ingredientes especiais no modo de compor machadiano, nitidamente comprovados pelo desempenho dos itens lexicais no texto.

Qual a constituição do discurso das personagens femininas, quais são as estreitas correlações entre as protagonistas, reveladas pela aproximação das variáveis do corpus, e quais os indicativos do carácter de atemporalidade e universalidade do texto machadiano, de modo que

espaço e tempo cronológico – Brasil, Rio de Janeiro, século dezenove - em nada prejudicam a composição narrativa, uma vez que o lugar central é ocupado pelo ser humano e seus mistérios, existindo a mesma nuance em todos os textos. O estudo do léxico preferencial dá mostras, ainda, da força expressiva dos vocábulos, visando a determinados efeitos, bem como do cuidado técnico e artístico do autor ao elaborar tais textos. Para tal, levantam-se, em cada conto, grupos lexicais fortemente ligados a núcleos semânticos e, pela técnica da lematização, dentre outras, observam-se as intenções comunicativas e as opções temáticas do autor. Essa nova proposta e diretriz para a interpretação de textos em Língua Portuguesa associa a potência da informática ao embasamento teórico linguístico e contribui, assim, para futuros avanços nas áreas Linguísticas e Literárias.

### **É SÓCIO DA AICL**

### **PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

#### **18. EDSON LUIZ OLIVEIRA, FFLCH - Universidade de São Paulo**

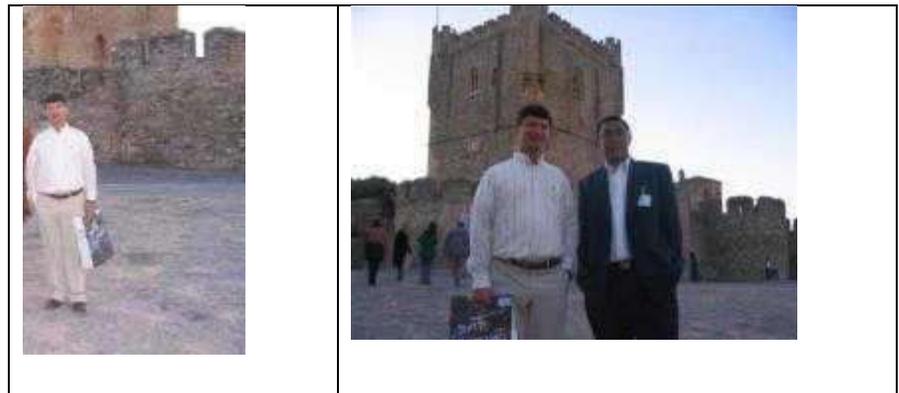
**EDSON LUIZ OLIVEIRA nasceu** em São Paulo, a maior cidade lusófona do mundo, sou apaixonado pelas literaturas de língua portuguesa.

Para falar somente das atividades desenvolvidas no terceiro milênio, no ano 2000, desloquei-me para o estado de Mato Grosso, como Co-orientador do Mestrado Interinstitucional em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – num convênio efetivado entre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres, às margens do rio Paraguai. Esse programa resultou

na qualificação de 13 mestres na área de Letras.

Em seguida fui chamado para ministrar cursos de pós-graduação na área de Literatura Infantojuvenil na cidade de Sinop, norte do estado de Mato Grosso, onde permaneci na categoria de professor convidado, ministrando as disciplinas de Literatura Brasileira e Metodologia Científica. Em 2005 fui selecionado pelo Ministério da Educação para integrar o grupo de 50 professores enviados ao Timor-Leste, para a implementação do Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa.

Em Díli, trabalhei no Ministério de Educação da RDTL e na Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL), ensinando Português para alunos da Faculdade de Medicina e orientando trabalhos na área de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas. Infelizmente, os conflitos de 2006 em Timor-Leste motivaram a evacuação do grupo de professores brasileiros para a Austrália, de onde retornei ao Brasil.



Atualmente, desenvolvo pesquisa de pós-doutorado na área das Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, que deverá resultar na

publicação do livro “A nascente Literatura de Língua Portuguesa em Timor-Leste”, prevista para o segundo semestre de 2014.

**TEMA 2.1. LÍNGUA PORTUGUESA E IDENTIDADE TIMORENSE, EDSON LUIZ OLIVEIRA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Os navegantes portugueses chegaram à ilha de Timor no início do século XVI, interessados que estavam no sândalo, árvore que se encontrava em abundância nos bosques daquela ilha da Insulíndia – algo semelhante ao que acontecera no Brasil com o pau-de-tinta.

Enquanto os comerciantes portugueses praticavam a exploração daquela madeira exótica, muito valorizada na China, onde era utilizada na confecção de móveis e artefatos de luxo, missionários católicos se estabeleciam no arquipélago, difundindo o cristianismo e ensinando a língua portuguesa. Ao longo do tempo, a exploração sem critérios resultou na quase extinção das árvores de sândalo. Porém, a língua portuguesa e a religião católica permaneceram.

Atualmente, num ambiente de competição linguística, o português tem vantagens a seu favor que não podem ser desprezadas, podendo funcionar como um traço de distinção. Na memória dos fatos da resistência timorense, a língua é sempre lembrada como referência da identidade e traço de diferenciação. Na ocasião da escolha da língua oficial do Estado independente de Timor-Leste, houve um amplo debate sobre qual seria a língua oficial mais indicada para a jovem nação. No entanto, acabou predominando a posição de que o português, juntamente com o tétum, seria a língua que mais poderia

contribuir para reforçar a identidade timorense, diferenciando-se de seus vizinhos.

Estamos vivendo momentos importantes para a consolidação da identidade timorense, ao mesmo tempo que Timor-Leste se recupera do choque de modernidade que significou a intervenção da ONU no país durante o período de transição, que resultou numa intensa convivência com a comunidade internacional. Como não poderia deixar de ser, a evolução da consciência nacional timorense deverá resultar, inevitavelmente, na formação de uma literatura diferenciada em língua portuguesa. Evidencia disso é o maior de seus poetas: Xanana Gusmão, de nome timorense e sobrenome português.

**PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2005 NO 4º COLÓQUIO DA LUSOFONIA**

**19. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ,**



**EDUARDO BETTENCOURT PINTO** nasceu em Gabela, Angola, em 1954. Tem ascendência açoriana pelo lado materno. Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores. Vive no Canadá desde 1983.

Publicou vários livros de poesia e ficção. Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows/Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês). Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *online* de artes e letras *Seixo review*, presentemente com a edição suspensa.

<http://www.seixoreview.com/>.



A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão. Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996). É membro do P. E. N Clube Português. (página pessoal (<http://www.eduardobpinto.com>)).

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

**BIBLIOGRAFIA:**

**POESIA:**

*Emoção*; Ponta Delgada, Açores, 1978.

*Razões*, Ponta Delgada, Açores, 1979.

*Poemas*, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed., Tipografia Martinho, Macau, 1993

*Mão Tardia*; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. **(Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental)**.

*Emersos vestígios*; Sete-Estrela, Mira, 1985. 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.

*A Deusa da Chuva*; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. **(Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988;** para o original «Regresso do olhar».

*Menina da Água*; Éter/Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

*Tango nos pátios do sul*; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

*Um dia qualquer em junho*; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.

*Travelling with Shadows/Viajar com Sombras*, 2008

*Ficção:*

*As Brancas Passagens do Silêncio*; Signo, Ponta Delgada, 1988.

*Sombra duma rosa* - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

*O príncipe dos regressos* - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

*A casa das rugas* - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

**Antologia (organização):**

*Os Nove Rumores do Mar* - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

*Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos*, ed. *Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011*

**TRADUÇÃO:**

*Oito poemas de J. Michael Yates*; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrela, Mira, 1985.

**É SÓCIO DA AICL.**

**PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012 E GALIZA 2012 COMO CONVIDADO ESPECIAL NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO**

**TEMA 1.3. REBELO DE BETTENCOURT EM BUSCA DA MEMÓRIA** (fotobiografia)

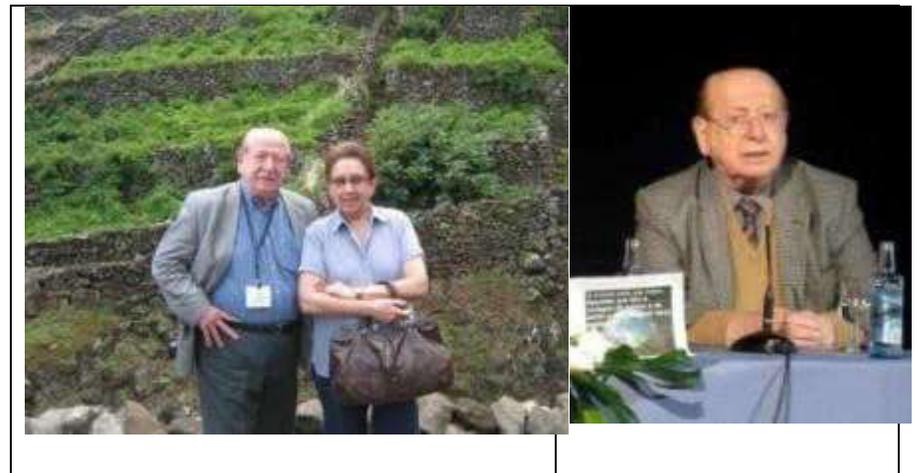
Poeta, ensaísta e jornalista, Rebelo de Bettencourt, natural da ilha de S. Miguel, Açores, representa para mim mais do que uma figura literária: é o avô que conheci num dia longínquo de Lisboa, entre a porta branca da minha infância e os ruídos de uma cidade estranha.

Voltava a Angola no amanhecer da guerra colonial, no amargo ano de 1961. Nesses dias de espera pelo Príncipe Perfeito para regressar a Luanda, o meu avô apareceu para nos conhecer e dizer adeus. Marcou-me profundamente esse encontro. Sobretudo porque foi o único contacto que tivemos.

*Rebelo de Bettencourt: em busca da memória* é o depoimento visual de uma figura que ainda se debruça, com afeto e mistério, sobre um brevíssimo momento da minha vida.

**INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA**

**20. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, AICL, PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007 -**



**EVANILDO CAVALCANTE BECHARA** nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Saïd Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de Intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes. Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaio de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia

Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).



Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).  
Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).  
Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa.  
É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.  
Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).



Criou a Coleção Antônio de Morais Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.  
Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.  
Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.  
Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.  
Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988;

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Societé de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino,

Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- o A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- o O Futuro em Românico (1962),
- o A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- o A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- o Os Estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980),
- o As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

*É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL e patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.*

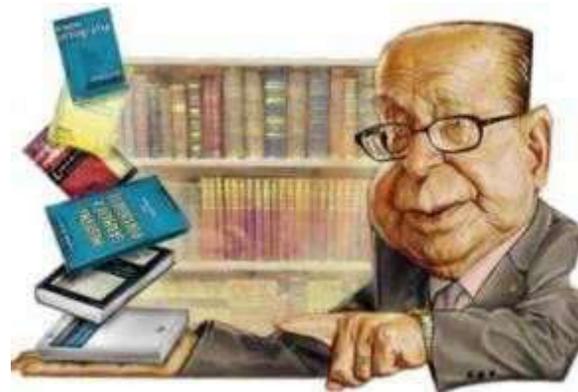
Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 E 2010, LAGOA 2008, 2009 E 2012, BRASIL 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, GALIZA 2012 E MAIA 2013.

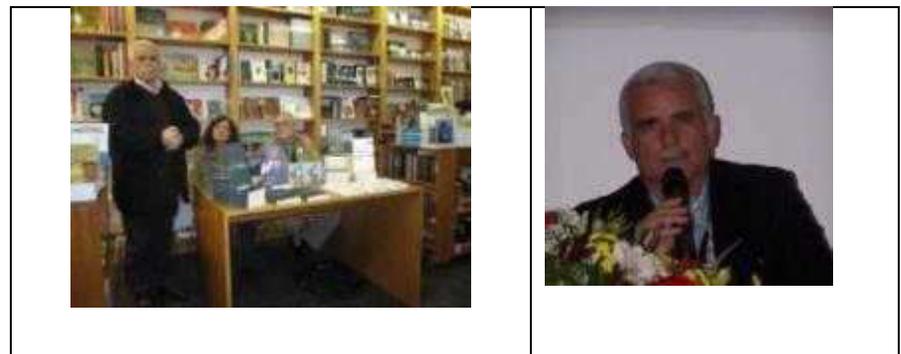
*Poliglota na sua própria língua, Evanildo Bechara, patrono da AICL desde outubro 2007* Por Clara Becker - [Fonte: [www.revistapiaui.estadao.com.br](http://www.revistapiaui.estadao.com.br)]



Evanildo Bechara defende que o aluno deva ser poliglota em sua própria língua. “Ninguém vai à praia de fraque ou de chinelo ao Municipal”, diz.

[Fonte: [www.revistapiaui.estadao.com.br](http://www.revistapiaui.estadao.com.br)]. , ,

21. FRANCISCO MADRUGA, DIRETOR DA EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS [WWW.CALENDARIO.PT](http://WWW.CALENDARIO.PT)



**FRANCISCO FERNANDES MADRUGA**, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4

anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal Norte Popular e foi colaborador permanente do jornal A Voz do Nordeste. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo. Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.



Convidado a estar presente no colóquio de 2009 foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da

Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, etc.). É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, e da sua versão bilingue (Português-Ingês). É também o editor da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 ilhas, 9 escritoras.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013.**



## **22. GRAÇA B CASTANHO, UNIVERSIDADE DOS AÇORES**



**MARIA DA GRAÇA BORGES CASTANHO** nasceu na Maia, S. Miguel, Açores, a 3/9/1960, é detentora de vasto currículo académico em Metodologia do Ensino da Literatura Portuguesa e do Português como

Língua Materna, 2ª Língua e Língua Estrangeira, bem como na área do Património Oral, Estudos do Género e Multiculturalismo.

Graça Castanho possui um pós-doutoramento, realizado na Harvard University, com uma investigação sobre o ensino do Português em Moçambique. Possui doutoramento na Universidade do Minho com uma tese sobre o Ensino da Leitura através do Currículo.

Tem um mestrado na Lesley University, tendo apresentado o 1º trabalho de investigação realizado nas Escolas Oficiais Portuguesas dos EUA, e licenciatura em Línguas Modernas Português-Inglês na Universidade dos Açores. Para além da docência exercida na Universidade dos Açores desde 1995, Graça Castanho conta com uma carreira profissional pautada por experiências ricas e diversificadas, nos diferentes níveis de escolaridade e em várias áreas de intervenção social, quer no país quer na diáspora lusa.

Foi, na Embaixada de Portugal em Washington DC, Conselheira para o Ensino Português nos EUA e Bermuda, 1ª Coordenadora do Plano Nacional de Leitura, a convite do então Ministro da Educação, Professor David Justino, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Cofundadora e Presidente do Instituto de Educação e Ensino, autora e coordenadora do suplemento "A Língua Portuguesa em Destaque" do jornal Açoriano Oriental, formadora credenciada pelo Conselho Científico da Formação Contínua, desde 1993, nas seguintes áreas: Português/Língua Portuguesa, Literaturas (portuguesa, infantil e juvenil), Pedagogia e Didática, Conceção e Organização de Projetos Educativos,

Didática Geral, Práticas de avaliação do rendimento escolar e Ensino do Português no Estrangeiro.

Graça Castanho foi, em 1996, responsável científica pela elaboração do programa de língua e cultura portuguesas a oferecer aos deportados, oriundos dos EUA e Canadá, tendo em 1997, em resultado de investigação realizada junto deste grupo, apresentado uma comunicação em Bruxelas sobre o percurso académico dos deportados açorianos nos países de acolhimento.

Como Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Graça Castanho, em 1998, organizou a I Semana Multicultural dos Açores (e crê-se que a primeira de Portugal), na qual participaram todas as comunidades estrangeiras radicadas no arquipélago no vasto programa de atividades que incluiu palestras nas escolas sobre os países e comunidades imigrantes, exposição de artefactos das comunidades estrangeiras, visitada pelas escolas de S. Miguel, expressão artística (música, dança, artesanato, "a hora do conto" de histórias de várias nações) e jantar multicultural.

Foi Diretora Geral da Direção Regional das Comunidades da Presidência do Governo Regional dos Açores (setembro 2010 - novembro 2012)

Autora de literatura infantojuvenil e de livros e artigos da especialidade; palestrante em mais de uma centena de congressos, fóruns e simpósios; Foi ainda Visiting Post-doctoral Scholar, na Harvard Graduate School of Education; formadora de docentes de língua, literatura e cultura portuguesas em Portugal e na diáspora.

É investigadora da presença açoriana e da língua portuguesa no mundo lusófono; orientadora de teses de mestrado e doutoramento no país e no estrangeiro e docente universitária de licenciaturas e de mestrados.

JÁ PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS (RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, LAGOA 2008) QUER COMO ORADORA QUER COMO REPRESENTANTE DO GOVERNO REGIONAL

É SÓCIO DA AICL.

#### TEMA 2.4 - 800 ANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

No ano em que a língua portuguesa completa oito séculos da sua existência, este é o momento e o espaço certos para uma justa homenagem não só pela longevidade, mas também pelo papel aglutinador de culturas e povos que a mesma tem vindo a desempenhar. A data que assim o determina é 1214 e o documento em causa é o Testamento de D. Afonso II que se encontra na Torre do Tombo e se constitui como um texto de grande valor histórico e linguístico, uma vez que nos possibilita estudar e perceber a evolução natural do idioma luso (Araújo, 2003).

Apesar de mais recentemente ter sido descoberto um texto totalmente escrito em Português, datado de 1175 (Notícia de Fiadores que se encontra no Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, maço 2, documento 10), os estudiosos continuam a considerar o Testamento de D. Afonso II, datado de 27 de junho de 1214, o marco do início da Língua Portuguesa

escrita. A leitura do mesmo não é totalmente perceptível aos leitores do português moderno, uma vez que são muitas as palavras e expressões que desapareceram do léxico ou ganharam novos sentidos com o passar dos séculos.

#### TEMA 2.4. TÍTULO - UDL - TPW, UM PROJETO INTERNACIONAL PARA A PROMOÇÃO DO PORTUGUÊS, MARIA DA GRAÇA BORGES CASTANHO - UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Universal Design for Learning: Teaching Portuguese Worldwide (UDL-TPW) é um projeto multimédia, que assente na exploração da ferramenta eletrónica do "Book Builder", criada pelo CAST (Center for Applied Special Technology), a qual permite a publicação de textos de tipologias diferentes, passíveis de serem utilizados, em qualquer parte do mundo, por docentes e estudantes, envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Na nossa comunicação, iremos partilhar com os participantes do Encontro de Lusofonia todo o trabalho já realizado, no âmbito deste projeto, bem como explorar o potencial pedagógico-didático da ferramenta e dos textos publicados, à luz da abordagem do Desenho Universal para a Aprendizagem.



**23. HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, IPP ASSISTENTE PRESENCIAL**

[hanacleto@iscap.ipp.pt](mailto:hanacleto@iscap.ipp.pt); [mhelenamatias@hotmail.com](mailto:mhelenamatias@hotmail.com)



**HELENA ANACLETO-MATIAS**, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto.

Desde 1993 que é docente na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto. Licenciada (1988), Mestre (1997) e Doutoranda (desde 2008) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Helena Anacleto-Matias completou uma pós-graduação como intérprete de conferências (Universidade de Genebra, 1989), enquanto bolsista do Parlamento Europeu, e outra pós-graduação em Estudos Norte-Americanos (Smith College – EUA, 1990), com uma bolsa Fulbright. Publicou artigos em Portugal, Chipre e Países Baixos nas áreas da Linguística, Estudos Interculturais, Literatura, Tradução e Interpretação e publicou o seu primeiro livro “Emma Lazarus – Vida e Obra” na Editora Cão Menor, em 2008.

Como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela

(coautoria, 2003), Bélgica (2006, 2011), Chipre (2007), Valência (2008), Brasil (2010) e Macau (2011). Esteve igualmente em mobilidade Erasmus na Universidade Nicolau Copérnico, em Toruń – Polónia (2009).

O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP – Viseu, 2001). Ensina Português como Língua Estrangeira no Porto (1992/93) e em Bruxelas (2006/2007),

**É A DÉCIMA NONA VEZ QUE PARTICIPA NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (DESDE 2003 EM BRAGANÇA).**

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL**

**PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO**

---

**24. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & AICL**



**HELENA CHRYSTELLO**, Vice-presidente da direção, membro dos comités

científico e executivo dos colóquios desde o primeiro colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta; curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional). Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Membro da ACT/CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

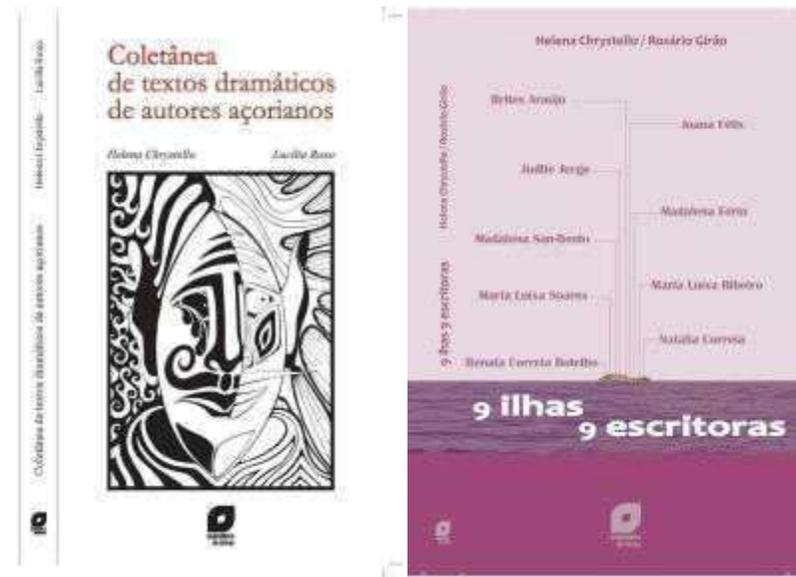
Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE JORGE.

Coautora com a Professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da ANTOLOGIA DE (17) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º colóquio. Lançou no 19º colóquio a edição monolingue da Antologia em dois volumes.

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. Apresentará nova obra sobre dramaturgia açoriana e a antologia “ 9 ilhas 9 escritoras açorianas”.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO**

**TOMOU PARTE EM TODOS OS 20 COLÓQUIOS. LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. MODERA SESSÕES E APRESENTA DUAS OBRAS QUE SÃO PROJETOS AICL - A "COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS" (HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO) APRESENTAÇÃO POR ANABELA SARDO E A OBRA "9 ILHAS, 9 ESCRITORAS" (HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO) APRESENTAÇÃO POR LOURDES ALFINETE**



**HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA Ausente na Alemanha**



**HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA** - Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão. Aos 10 anos iniciou

o estudo do Violoncelo e frequenta presentemente o 7º grau do curso de violoncelo, em regime articulado, na classe da professora Teresa Carvalho. Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012).

Participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana. Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira e em abril de 2012 e de 2013 frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

JÁ TOMOU PARTE EM 2011, NO 16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA EM VILA DO PORTO (SANTA MARIA), NO LANÇAMENTO DO LIVRO CRÓNICAÇORES VOL 2., NESSE MESMO ANO NA MAIA E NA RIBEIRA GRANDE, NO 19º COLÓQUIO NA MAIA E NO 20º EM SEIA 2013.

**SERÁ SUBSTITUÍDO POR**

no dia 25 às 12h45 - Quarteto vocal: Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo)  
- no dia 27 - Trio instrumental: Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas) acompanhadas ao piano pela Raquel Machado.

## 25. JOANA FÉLIX, ESCRITORA AÇORIANA



**JOANA FÉLIX** desde o berço que se habituou aos serões culturais em casa. Filha de Emanuel Félix, um dos mais importantes poetas açorianos, segue os trilhos da poesia. Quando ainda era criança, Joana Félix apreciava a azáfama que regularmente existia em sua casa durante os serões, em que eram convidadas figuras da cultura da Terceira ou com visitantes como Adriano Correia de Oliveira ou Carlos Paredes. Recorda-se, também, quando o pai – Emanuel Félix, um dos maiores poetas açorianos de sempre – a cativava lendo poesia como quem conta uma história para dormir. Com toda a ambiência cultural que fervilhava na casa da família Félix em Angra do Heroísmo, o encontro de Joana Félix com a escrita foi inevitável. *“Comecei a escrever muito cedo, tinha seis anos de idade. O meu pai encontrava coisas escritas por mim escondidas dentro de livros. No meu primeiro livro estão várias coisas que escrevi quando era criança e que foram publicadas exatamente como tinham sido feitas nessa altura”*, referiu. Os primeiros poemas de Joana

Félix foram publicados em jornais como o extinto “Directo”, cuja redação ficava na mesma rua onde residia.

Desde cedo que começou a habituar-se a conviver com as comparações entre a sua escrita e a do pai, situação que, segundo confessa, nunca a incomodou. Sempre tive consciência da responsabilidade de escrever poesia, sendo filha de Emanuel Félix que foi um grande escritor, mas sempre procurei percorrer o meu caminho sem nunca deixar de ter em conta esse facto. *“Desde cedo que dei a conhecer aquilo que escrevo porque concordo com quem diz que a poesia, ou outra forma de arte, não deve estar escondida numa gaveta”*, afirmou.

Apesar de a realidade em termos afetivos e geográficos da ilha estar patente na sua poesia, Joana Félix assegura que não existem limites para a sua escrita.

*“Tal como acontecia com o meu pai, por vezes levanto-me a meio da noite para escrever ou fazer apontamentos de coisas que me ocorrem. Sinto necessidade de registar essas ideias que surgem de um momento para o outro”*, disse.

Quando lhe perguntamos se a obra poética de Emanuel Félix não tem sido esquecida desde a sua morte em 2004, Joana Félix responde afirmativamente sem hesitar. *“Custa-me que a sua obra esteja um bocado esquecida. É óbvio que ainda existem pessoas interessadas em mantê-la viva, mas é um facto que hoje ouve-se falar pouco dela e isso entristece-me um bocadinho”*, adiantou. Numa altura em que se edita cada vez menos livros de poesia e os textos de novos autores açorianos são pouco divulgados, recorda que é importante não desistir porque “a

*palavra escrita é muito importante*". Nesse sentido, Joana Félix refere que é fundamental que as pessoas que têm gosto pela escrita publiquem os seus trabalhos, até porque hoje existem muitos recursos para isso com as potencialidades que a internet tem para oferecer. *Não me importo que 'usem e abusem' dos meus textos porque a arte deve ser partilhada*", referiu. Aponta como lacuna o facto de não haver, presentemente, na Terceira, muitos espaços onde se possam realizar recitais de poesia, uma vez que poderia ser uma via para despertar o interesse das pessoas por essa e outras formas de expressão escrita. Depois de ter editado o seu primeiro livro com o título "Palavras que eu disse", integrou uma antologia de poesia da Chiado Editora e prepara uma nova publicação de textos.

#### **PAUSA NA PINTURA**

Para além da escrita, Joana Félix tem dedicado algum do seu tempo à pintura, outra vertente da arte que também mereceu interesse do seu pai, que exerceu a sua atividade durante muitos anos na área do restauro de obras de arte.

*"Tal como aconteceu com a escrita, comecei a fazer desenhos muito nova porque tinha acesso aos materiais que me pai me arranjava para pintar. O meu irmão (Emanuel Félix Júnior) era muito melhor do que eu nessa área, mas lá em casa quase toda a gente gostava de pintar"*, referiu. No entanto, confessa que nos últimos tempos a pintura tem ficado um pouco de lado, ao contrário do que acontece com a escrita.

*"No desenho e na pintura, quando se fica muito tempo parado, perde-se o jeito, por isso espero voltar a essa atividade em breve até porque começo a ter saudades dos pincéis e das tintas"*, afirmou. Joana Félix admite que na sua poesia existe muito do que faz na pintura através do

jogo de cores e das imagens e que as duas formas de expressão de artes se podem complementar. Retirado de Diário Insular 15 setembro 2013



(VER CADERNO AÇORIANO Nº 20 EM

[http://www.lusofonias.net/doc\\_download/1654-caderno-20-joana-felix.html](http://www.lusofonias.net/doc_download/1654-caderno-20-joana-felix.html)

JOANA FÉLIX foi uma das autoras selecionadas para a Antologia "9 ilhas, 9 escritoras" da AICL produzida por Helena Chrystello e Rosário Girão]

**ESTEVE PRESENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012**

**FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

**26. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, AICL, SECRETARIADO,  
ASSESSOR TÉCNICO DOS COLÓQUIOS**

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO



BRAGANÇA 2009



FLORIPA 2010 - MACAU 2011



- VILA DO PORTO 2011



LAGOA 2012



MAIA 2013

**JOÃO Costa Simões CHRYSTELLO (n. 1996).** Membro supranumerário dos Colóquios. Frequenta o 11º ano da Escola Sec. da Ribeira Grande (Humanidades). Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas/Anais em CD/DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que ele consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas ao roaming dos telemóveis/celulares). Desde 2008 desempenha funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem capas e gravações dos CD e vídeo homenagens aos autores açorianos.



MAIA 2013



SEIA 2013

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013

[VEJA AQUI A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2011 PELO JOÃO PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL](#)



**27. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007**



**JOÃO MALACA CASTELEIRO** licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.



É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.



Foi o coordenador do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais:

Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como *Português Fundamental*, *Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo*, o *Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo* ou o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor da adoção do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja concepção participou.

Foi nomeado ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL**

**TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA**

**INTERVIRÁ NA MESA DAS ACADEMIAS**

---

## **28. JOÃO PEDRO PORTO, ESCRITOR AÇORIANO**



nasceu nos Açores (1984). Tendo maturado em seio de escritores e músicos, tornou-se leitor compulsivo, dedicando-se, também, desde muito cedo, ao piano, com o qual acabou por estabelecer uma relação da mais pura dependência. A paixão fulminante pela Psicanálise fê-lo ingressar no Instituto de Psicologia Aplicada, tendo completado os

estudos com o grau de Mestre. Do seu percurso académico, regista-se o interesse pela análise de objetos culturais e a escrita de monografias avaliadas com as mais elevadas distinções, de entre as quais se destaca uma autópsia psicológica a Antero de Quental e uma tese compreensiva acerca da psicopatia e do poder na literatura e no cinema do século XX. Sobressai, também, a tutoria de mestres como Frederico Pereira e Coimbra de Matos e a práxis sob a tutela da Comandante Sandra Henriques no Hospital da Marinha Portuguesa. Já na ilha, pertenceu à comissão instauradora do primeiro colégio da região com mais de doze anos integrados de escolaridade, tendo contribuído para a criação do seu primeiro projeto educativo. Dedicou-se, depois, e até hoje, à prática clínica privada. Com a sua rubrica, viram-se já editados dezenas de artigos em diversos jornais de grande tiragem, bem como contos e poemas em revistas e suplementos literários. Desde o ano de dois mil e onze, o autor publicou três romances: *O Rochedo que Chorou* (Publiçor, 2011), *O Segundo Minuto* (Letras Lavadas, 2012) e *Porta Azul para Macau* (Letras Lavadas, 2014); e um conto: *O Homem da Mansarda* (Seixo Publishers, 2014). A sua escrita de dimensão marcadamente surrealizante, as suas compulsivas alusões ao simbólico e a distinta estrutura que confere às narrativas, têm encontrado um assinalado reconhecimento. Nos seus dois primeiros romances, prepondera a dinâmica entre a poesia, a prosa e a expressão gráfico-pictórica. Em *Porta Azul para Macau*, o autor adere à trama romanesca, encaixilhada em palco teatral. Transversais às suas narrativas, irreverentes ao tempo, estão os temas da solidão intelectual, do amor como redenção, da

loucura e da sanidade, do real e do imaginário, e muitos outros humanismos.

**TEMA 1.3. APRESENTAÇÃO DE NOVA FICÇÃO DE JOÃO PEDRO PORTO** (título a divulgar pela altura do Colóquio)

Breve comentário acerca da desconstrução do ato criativo e da estrutura estética da obra

Explicação da (des)estruturação orgânica da narrativa – *O mirone que piscava os olhos: das micronarrativas ao holismo de um romance*

Breve leitura da obra.

**ESTEVE PRESENTE NA LAGOA 2009 MAS PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

O HOMEM DA MANSARDA - Um livro novo da colecção "Um Conto" da editora Seixo Publishers. No próximo dia 26, pelas 11h, estarei com o escritor [Eduardo Bettencourt Pinto](#) na [Livraria SolMar](#), para o partilharmos com todos os amigos que apareçam. É um projecto maravilhoso desta editora baluarte de exercícios de liberdade e qualidade. Será também o preâmbulo de um novo romance (PORTA AZUL PARA MACAU, Letras Lavadas) a lançar no mês de Maio, também na Livraria SolMar (com a apresentação por [Vamberto Freitas](#) - que escreveu um fabuloso prefácio para o livro), com uma conexão narrativa entre ambos, feita para os mais atentos.

[http://www.seixopublishers.com/joao\\_pedro.htm](http://www.seixopublishers.com/joao_pedro.htm)

**29. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA**

**ASSISTENTE PRESENCIAL**



**JÁ TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA 2012 E NO 19º COLÓQUIO NA MAIA**

**30. JOSÉ JORGE DE MELO, AUTOR AÇORIANO**

Nasci em Ponta Delgada em outubro de 1942. Sou do signo Balança e revejo-me em algumas características desse signo:

- aprecio todas as formas da arte,
- a liberdade e a aventura;
- sou irónico, altivo e procuro a dignidade;
- melindro-me quando ferem o meu orgulho;
- por princípio não desconfio de ninguém;
- sou cordato, diplomata, gentil e

- tenho gostos refinados.

Estudei em Ponta Delgada onde tirei o Magistério Primário e lecionei durante quatro anos. Prestei o serviço militar no Continente e suportei dois anos de guerra colonial na Guiné-Bissau, onde fui agraciado com uma Cruz de Guerra de 3ª Classe.

Seguidamente, frequentei em Lisboa o Instituto Superior Técnico e formei-me em Eletrotécnica.

Trabalhei quarenta anos em Telecomunicações e constituí várias firmas em Portugal, uma em Angola, uma no Zimbábue e outra na Polónia; algumas de efémera duração e outras com sucesso. Ao longo destes anos tive oportunidade de me deslocar aos quatro cantos do mundo e considero que tive uma vida aventureira.

Reformei-me aos 67 anos. Tinha duas filhas e plantado várias árvores, faltava-me escrever um livro.

#### **Apresentação da Pessoa e da Obra**

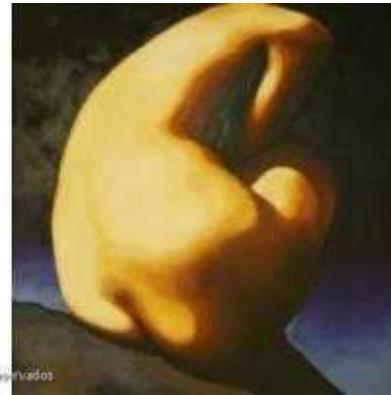
Dediquei-me então a essa tarefa, gostei e publiquei:

- em 2009 "Sonhos de Emerenciana" (romance);
- em 2010 "Ver Santa Maria por um Canudo" (romance);
- em 2011 "As Bocas do Mundo" (romance);
- em 2013 "Registo de Viagem: Rota Moçambique e África do Sul" (um misto de relato de viagem, romance e crónica);
- em 2014 "Sem Rumo e sem Rima" (poesia).

Antes da publicação desta última obra várias pessoas apreciaram as minhas poesias, outras houve que as condenaram. Uma das críticas que recebi rezava: " - Este trabalho vai enegrecer o bom-nome que já conquistaste!" Fiquei surpreendido, porque desconhecia que tinha

ganho bom-nome como escritor. Independentemente do que fosse e movido pela curiosidade decidi enfrentar o desafio; e publiquei os versos.

Janeiro, 5 de 2014



---

#### **31. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO**



**(José Soares)** de Abrantes Reis (Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948).

Jornalista e investigador.

Formação em Comunicação Social e História.

Foi presidente regional do partido liberal do Quebeque.

Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *AÇORES 9*, (2007) jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.



Foi delegado da RDP/RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de

comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos.

Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma crónica semanal no decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

#### É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ, ESTEVE PRESENTE NA RIBEIRA GRANDE EM 2007, LAGOA 2009 E NA MAIA 2013

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO

LANÇA O LIVRO “CRÓNICA DOS REGRESSOS” COM PREFÁCIO DE CARLOS CÉSAR, EX-PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES E POSFÁCIO DE VAMBERTO FREITAS

TEMA 1.3. FRANCISCO D’ATAYDE MACHADO DE FARIA E MAYA

Francisco de Ataíde Machado de Faria e Maia (Ponta Delgada, 22 de Setembro de 1876 — Ponta Delgada, 29 de Abril de 1959), frequentemente grafado F. d'Athayde M. de Faria e Maya, foi um intelectual e historiador açoriano. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi inspetor escolar, professor liceal e político. Entre outras funções, presidiu à Câmara Municipal de Ponta Delgada e foi senador eleito para o Congresso da República. Deixou publicada uma extensa obra historiográfica.

Republicano e democrata convicto.

Em 1921 foi eleito senador independente no Congresso da República em representação do distrito de Ponta Delgada, revelando-se um acérrimo defensor da autonomia açoriana. Apresentou um arrojado projeto de lei para a *Autonomia Administrativa dos Distritos Açorianos* o mais marcante nessa matéria em todo o período da Primeira República Portuguesa.

Apoiou o Golpe de 28 de maio de 1926, considerando-o uma solução *ordeira* transitória para a instabilidade da Primeira República, mas rejeitou a institucionalização da ditadura e o Estado Novo. No período imediato ao golpe, quando ainda acreditava no rápido retorno da democracia, publicou diversos escritos retomando as temáticas autonomistas.

Já em pleno Estado Novo, foi um dos participantes mais ativos no Primeiro Congresso Açoriano, realizado em Lisboa no ano de 1938. Foi também autor de um relatório da Comissão para o Aproveitamento Turístico da Ilha de São Miguel, que depois de aprovado pelo Ministro do Interior deu origem aos diplomas que enquadraram as primeiras iniciativas no campo do turismo nos Açores.

Em 1943 foi escolhido para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Foi um escritor incansável e jornalista, deixando uma vasta obra publicada, com destaque para o campo da História. Também deixou importante contribuição dispersa por numerosos periódicos açorianos.

---

### **32. JUDITE JORGE, ESCRITORA AÇORIANA,**



**JUDITE MARIA JORGE DA SILVA**, nasceu em 1965 em Pontas Negras, Pico (Açores). Aos 17 anos publicou em PDL a coletânea de poesia "Ainda não o silêncio". Em 1986 publicou a coletânea "Setembro e outras estações". Em 1987 recebeu o Prémio Revelação de Ficção da APE (As. Port de Escritores) pela obra em prosa "Notas para um discurso de amor". Em 1992 ganhou o Prémio Nunes da Rosa com a obra "Permanências". Em 2001 publicou o seu primeiro romance "Afetos de Alma" (Publicações Dom Quixote). Foi deputada (PSD) entre 2002 e 2009

### Condecorações e Louvores

- Prémio Revelação APE - Associação Portuguesa de Escritores - 1987
- Prémio Açores Rádio - 1991
- Prémio Açores Novela - 1991
- Bolsa de Criação Literária IPLB, 1999

### Obras Publicadas

- "Ainda Não o Silêncio", (Poesia)
- "Setembro e Outras Estações", (Poesia)
- "Permanências", (Novela)
- "Notas Para Um Discurso de Amor", (Novela)
- "Afetos de Alma", (Romance)
- "Fadas", (Poesia) - e-book



Foi HOMENAGEADA NO 1º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE 2013

DESCANSO - Judite Jorge, Poema do Dia 59.wmv - YouTube

▶ 1:59 ▶ 1:59

[www.youtube.com/watch?v=7D7qngQFDZM](http://www.youtube.com/watch?v=7D7qngQFDZM)

Dec 22, 2011 - Uploaded by Despetequesuas1

Dito por Fátima Sousa e comentários de Eunice Gomes e Urbano Bettencourt. // ...



**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

**33. KATHARINE F. BAKER / BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D.,  
UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA**



**KATHARINE F. BAKER,**

tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu em inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álvaro Oliveira [2006], o livro *My Californian Friends: Poetry* de Vasco Pereira da Costa [2009], e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Álvaro Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Acabou os primeiros rascunhos das traduções do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Dr. Chamberlain e Diniz Borges),

da peça *Bocas de mulheres* e da poesia *andanças de pedra e cal* (os dois de Álvaro Oliveira); e acaba de começar a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, PhD.

Contribui para a “Maré Cheia” no jornal californiano *Tribuna Portuguesa*, à revista semestral *AndarLHAgem* e ao website das Comunidades (RTP). Criou e atualiza os websites [www.inolongerlikechocolates.com](http://www.inolongerlikechocolates.com) / [www.mycalifornianfriends.com](http://www.mycalifornianfriends.com).

**JÁ TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012 E 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013**



**TEMA 3. “DRAMA! INTRIGAS! VACAS!” COMPARAÇÃO DE FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS DE LEITEIROS DO SÉCULO XX, IMIGRANTES DA ILHA TERCEIRA AO CONDADO TULARE NA CALIFÓRNIA, NOS ROMANCES LAND OF MILK AND MONEY [TERRA DE LEITE E DE DINHEIRO] DE ANTHONY BARCELLOS E JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES [I NO LONGER LIKE CHOCOLATES] DE ÁLAMO OLIVEIRA. KATHARINE F. BAKER E BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D.:**

O autor açor-americano Anthony Barcellos escreveu o romance *Land of Milk and Money* (2012) com a intenção de preservar a grande riqueza de histórias familiares sobre as experiências dos seus avós imigrantes e os descendentes deles no Vale de São Joaquim na Califórnia. Escrito em forma de ficção, com os nomes das personagens e certos pormenores alterados para protegerem a privacidade, trata-se da saga dum casal português da ilha Terceira nos Açores que, pouco antes do fim da primeira grande onda de emigração da Europa, recebeu de parentes já radicados nos Estados Unidos a *carta de chamada* que permitiu a imigração com os três filhinhos. Instalaram-se no condado de Tulare, onde durante várias décadas educaram as crianças e trabalharam muito para estabelecerem uma leitaria bem-sucedida. No entanto, logo depois da morte da primeira geração, os descendentes começaram a fazer guerra uns contra os outros, sendo a herança de um grande legado um ponto de discórdia amarga. Barcellos já escrevera o primeiro rascunho do *Land of Milk and Money* antes de ler a tradução inglesa de Diniz Borges e Katharine F. Baker do romance *I No Longer Like Chocolates* [Já Não Gosto de Chocolates] do autor açoriano Álamo Oliveira – a saga ficcional duma outra família terceirense que, pouco antes do início da segunda grande onda de imigração açoriana, recebeu sua própria *carta de chamada* que possibilitou a sua imigração aos Estados Unidos, onde também trabalharam muito para criarem os filhos e estabelecerem uma operação de produção leiteira de sucesso no condado de Tulare. Ao ler o romance de Oliveira, Barcellos observou que “os conflitos intergeracionais são naturais em todas as famílias, com as famílias de imigrantes tendo o agravante adicional de transição cultural, que pode

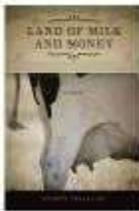
alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade. Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente ‘típicos’ mas quase ‘estereotípicos’”. Mas apesar do património comum dos autores, as famílias respetivas (tanto verdadeiras como fictícias) responderam de maneiras distintas às pressões da cultura americana predominante para os imigrantes se assimilarem. A família do *Land of Milk and Money* instalou-se quase de maneira relativamente tranquila numa existência americana, com o patriarca a considerar as transformações geracionais como esperadas e naturais. Por outro lado, o patriarca do *Já Não Gosto de Chocolates* lutou incessantemente contra a assimilação. O seu descontentamento com a decisão de imigração foi exacerbado pela adaptação cada vez mais amarga à vida americana da mulher e especialmente dos filhos – um processo que, apesar de todo o seu sucesso comercial, atacou e degradou a essência da sua própria identidade e autoimagem.

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia  
XXI colóquio – São Miguel, Açores, Portugal – 26 Abr 2014

---

**Drama! Intrigas! Vacas!**

Comparação de famílias multigeracionais de leiteiros do século XX, imigrantes da ilha Terceira ao condado de Tulare na Califórnia, nos romances *Land of Milk and Money* de Anthony Barcellos & *Já Não Gosto de Chocolates* de Álamo Oliveira.



Katharine F. Baker ~ Bobby J. Chamberlain, Ph.D.  
University of Pittsburgh ~ Pittsburgh, Pennsylvania ~ USA  
[katharine.f.baker@gmail.com](mailto:katharine.f.baker@gmail.com) - [chambln@pitt.edu](mailto:chambln@pitt.edu)

**SLIDE 1: TITLE PAGE**

Os romances *Land of Milk and Money*, de Anthony Barcellos, e *Já Não Gosto de Chocolates*, de Álamo Oliveira, narram as sagas fictícias mas autênticas de duas famílias que saíram da ilha Terceira nos Açores durante o século vinte. Estabelecendo-se por coincidência a poucos quilómetros uma da outra no Vale de São Joaquim na Califórnia, cada família se esforçou por construir ao longo dos anos uma leitaria próspera. Apesar de possuírem semelhanças marcantes, os romances diferem um do outro quanto ao seu estilo e substância.

**SLIDE 2: PROPOSED BOOK COVERS FOR LMM**

Barcellos inicialmente intitulou o seu romance de *Dear Dairy*, um trocadilho na expressão *Dear Diary* utilizado nos diários pessoais, que encaixava com o sítio rural do livro e a sua estrutura como uma série de vinhetas distintas. Mas o editor do manuscrito propôs *Land of Milk and Money*, um jogo de palavras irónico baseado na para onde Moisés conduziu os Israelitas, “Terra de Leite e Mel” sobretudo por causa das oportunidades agrícolas que existiam quando o melhor solo do estado ainda era barato e disponível. Depois da mudança de título a editora ofereceu três opções.

**SLIDE 3: BARCELLOS & OLIVEIRA BOOK PRESENTATIONS**

Quando Barcellos escrevia o seu primeiro romance ainda não tinha nenhum conhecimento de um cânone literário Luso-Americano, muito menos de que o seu livro em breve pertenceria a ele. Era um escritor lido e experiente – tendo sido jornalista, tinha escrito uma dissertação doutoral e coescrito um livro didático. Mas ainda não publicou

nenhuma obra de ficção. A única figura literária Luso-descendente de quem tinha conhecimento era o falecido John Dos Passos.

Embora Barcellos tivesse morado na Califórnia quase toda a vida, enquanto escrevia o manuscrito ainda não tinha ouvido falar do preeminente escritor açoriano Álamo Oliveira – nem do seu romance traduzido por Diniz Borges e por mim, *I No Longer Like Chocolates*, que versa sobre a vida de uma família terceirense que imigrou para o condado de Tulare uma geração mais tarde e estabeleceu uma operação de produção leiteira bem-sucedida, e cuja estrutura familiar também desmoronou.

**SLIDE 4: TERCEIRA MAP**

Os Barcellos – e os seus alter-egos fictícios, os Franciscos – saíram de São Bartolomeu para a Califórnia na década de vinte, nos fins da primeira grande onda de emigração açoriana. Qualquer esperança de voltarem para a terra natal acabou não se realizando. A família de Álamo Oliveira emigrou do Raminho à Califórnia na segunda grande onda.

**SLIDE 5: TULARE COUNTY MAP**

Mas durante várias décadas Álamo passou tempo considerável na Califórnia porque a família dele estabeleceu-se mais tarde na região de Tipton, oito quilómetros a oeste. Os avós de Barcellos estabeleceram-se perto de Porterville no sudoeste do condado de Tulare. Além dessas cidades, alguns episódios dos dois romances se realizaram em Tulare e Visália.

**SLIDE 6: FRANCISCO FAMILY TREE**

Barcellos afirma que, para o contador de histórias “tudo pode ser verdadeiro na ficção”. Por isso, quando vários parentes insistiam em que

preservasse histórias familiares, deu ao livro a forma de um romance, em vez de não-ficção. Alterando nomes e pormenores para proteger a privacidade – e inventando histórias para melhorar o desenvolvimento de personagens e preencher lacunas no enredo – ele narra a saga de um casal português, que recebeu a *carta de chamada* que permitiu a imigração com a filha e os dois filhos.

**SLIDE 7: BARCELLOS FAMILY FARM, 1970**

Na Califórnia, os Barcellos educaram os filhos, trabalharam muito para estabelecer uma leitaria típica do Vale de São Joaquim, e prosperaram. Depois das mortes da primeira geração, os descendentes travaram guerra amarga uns contra os outros sobre a herança desse legado. A sua luta emoldura o romance *Land of Milk and Money*.

**SLIDE 8: TULARE COUNTY COURTHOUSE**

O viúvo da falecida filha da matriarca se ressentia de não ter recebido a sua “devida parcela” do espólio embora os filhos dele tivessem recebido heranças consideráveis. Tentou anular o testamento. Barcellos caracteriza a avó como “o eixo da família, o centro vital, sem a qual a família desmoronou. Uma velha astuta”, o seu testamento obrigou os dois filhos a colaborarem como co-executores do espólio. O filho mais velho, menos competente do que o seu irmão, “estava profundamente magoado por não ter podido dar as cartas, mas não foi por acaso que a mãe tivesse resolvido a cortar-lhe as asas. A batalha deixou cicatrizes que permanecem até hoje”.

**SLIDE 9: COVER ART FOR CHOCOLATES**

Os Silva de *Já Não Gosto de Chocolates* levavam uma vida não muito diferente daquela da vila natal de Álamo Oliveira. Mas o patriarca José,

inspirado pelo pároco, sonhava em se estabelecer na Califórnia para que ele, a sua mulher Maria de Fátima e especialmente os seus quatro filhos, com idades de nove a dezassete anos, pudessem desfrutar de uma vida melhor. O Padre Meneses pregava:

“Sabeis como todos gostamos da América. Tantos dos nossos andam por lá e mandam águias de ouro, roupas, candins, gamas, chocolates”... [José] ouvia aquela lista de riquezas e só fixava os chocolates. Adorava chocolates americanos e nunca os comera. Apenas lhes adivinhava o sabor.

Armados com uma *carta de chamada* que permitia a imigração, obtida através de uma tia já radicada na Califórnia, os Silva, “, partiram com o destino à América”. Primeiro moraram numa *trela* de alumínio sem ar-condicionado. Os pais e os filhos mais velhos trabalhavam muito em trabalhos braçais, enquanto os dois filhos mais novos se matricularam numa escola. Aos poucos a família, que já se tinha renomeado “Sylvia”, ia prosperando. Mas para a angústia do agora-Joe, Mary e os filhos iam adotando cada vez mais os costumes americanos, sobretudo declarando a sua independência da tradicional autoridade do pai açoriano. Afinal, Joe chegou a ficar tão indignado com a América que já não gostava nem dos seus chocolates.

**SLIDE 10: COVERS, SIXTY ACRES & A BARN, THROUGH A PORTAGEE GATE**

A entrega a uma editora do seu manuscrito por Barcellos levou-o a realizar um estudo da literatura Luso-Americana. Quando ele leu a descrição do romance de Alfred Lewis *Sixty Acres and a Barn*, também ambientado no Vale de São Joaquim, temia que o *Land of Milk and Money* não acrescentasse nada a um tópico que Lewis já tinha tratado;

no entanto, Barcellos descobriu que a sua perspectiva mais restrita tratava mais de angústias individuais que de uma família multigeracional. A escrita de Charles Reis Félix, exemplificada no *Through a Portagee Gate*, surpreendeu Barcellos por causa da semelhança do estilo episódico; observou que, se o tivesse lido antes, teria achado que o seu próprio romance fora influenciado por Félix – mas o mesmo estilo era natural para os dois.

**SLIDE 11: PHOTOS OF COMMENTERS**

Não é nenhuma surpresa para a crítica Karen Davis que as famílias tenham ficado amargamente divididas. Mesmo numa área tão pequena como os Açores, as pessoas variam. A primeira geração sonha com regressar à terra natal, enquanto a terceira não pode conceber a vida de volta às ilhas. As pessoas ainda são pessoas: o filho inepto que quer ser dono da fazenda, teria sido o mesmo nas ilhas como na Califórnia. Davis observa que Barcellos trata de *saudades* dos Açores em forma de retrospectivas, enquanto a nostalgia dolorosa do patriarca de Álamo permeia o seu romance. Esta dicotomia – somos portugueses ou americanos? – pervaga ambos os livros. Surgem corolários: qual é a nossa pátria? vamos voltar para lá? e como seria? No *Land of Milk and Money* a última pergunta fica sem resposta, enquanto no *Chocolates* é respondida quase desastrosamente. Gerações diferentes olham para as coisas de maneira diferente, a falarem línguas diferentes. Para aqueles que cresceram em mundos estranhos, a lacuna torna-se um abismo.

A mariense-californiana Helen Cunha Kerner comenta as referências religiosas de Álamo. Os Silva são José e Maria de Fátima – e o seu filho mais velho António foi nomeado em homenagem ao santo padroeiro de

Portugal. Quando Joe se muda para um asilo de idosos, lamentando a morte da sua amada Mary, a sua enfermeira pessoal Rosemary é tão semelhante que Joe a acredita enviada dos céus; ela ilumina a existência escura dele. A camisola de linho que Maria de Fátima usou na noite do casamento torna-se um Santo Sudário para Joe. A única nota de esperança de Joe é que o seu tempo lá lhe dá a clareza de visão e uma “mente aberta” para aceitar as coisas que outrora desprezava – um filho gay morto pela SIDA, a síndrome de Down de um neto – e para prepará-lo para pôr de lado o seu cajado na presença do seu anjo da guarda no seu derradeiro momento. O romance termina com Rosemary: “E sumiu-se pelo corredor do hospital. Sem deixar pegadas nem sombras.”

Vamberto Freitas descreveu o *Land of Milk and Money* assim: “quase uma retomada bíblica dos mais velhos temas humanos, irmãos contra irmãos, clã contra clã – nada como as partilhas de propriedade e dinheiro para manifestar todo o nosso veneno, inveja e [...] a ganância”. Barcellos comenta que “os conflitos intergeracionais são naturais, tendo as famílias de imigrantes o agravante adicional de transição cultural, que pode alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade. Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente ‘típicos’ mas quase ‘estereotípicos’”. No entanto, Barcellos considera o patriarca no *Land of Milk and Money* um fatalista que percebeu que a mudança era inevitável e que poderia frustrar os seus planos mais almejados, especialmente os de voltar à Terceira. No entanto, ele aceitou o que ficava além do seu próprio controlo e optou por viver da maneira mais positiva possível.

O autor californiano Julian Silva nota que “ironicamente, no final do livro, é o segundo filho do segundo filho que justamente leva os negócios familiares, e a regra de primogenitura. Por outro lado, o patriarca do Álamo nunca poderia parar chutando contra o destino, e aceitar as mudanças inevitáveis que a vida na América tem forjado na sua família. Por isso a sua situação ficou drenada da sua existência. Ambos os patriarcas foram efetivamente exilados da sua amada ilha – mas um encontrou um novo lar, enquanto o outro tentou mas não conseguiu construir uma fortaleza contra a cultura americana.”

**SLIDE 12: TITLE PAGE**

Se algum dia o *Land of Milk and Money* for traduzido em português, sem dúvida Álamo Oliveira gostaria de ler a saga de Anthony Barcellos de uma outra família de imigrantes terceirenses no condado de Tulare.

---

**34. KATIA REGINA PESSOA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO  
DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

---

**35. LAURA AREIAS, CLEPUL, UNIV DE LISBOA**



**LAURA AREIAS**, nasceu em Portugal.

PhD, Tulane University, Luisiana. EUA

De 1884 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA); Professora convidada em Baucau (Timor Leste) e Porto Rico.

Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono.

Conferências, artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos.

Membro da AIL desde 1999, fundadora da International Society for Luso-hispanic Humor Studies em Filadélfia, 1996/7 e integra ao Grupo 6 do CLEPUL desde 2008.

Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fantoches.



É SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM 2013 NA MAIA

TEMA 1.3. MURMÚRIOS COM VINHO DE MISSA. DE ÁLAMO OLIVEIRA: UM GRANDE ROMANCE SOBRE A SOLIDÃO

Álamo teve este manuscrito na gaveta por muito tempo. A sua feitura está intencionalmente datada por ele na última página: Raminho 2004,5,6.

Mais que o explicável, sendo um autor conhecido, com qualidade comprovada nos vários géneros.

Agora que o livro foi finalmente editado, sete anos depois, aí está a razão da demora: é um livro polémico que toma em defesa um tema tabu, na moda. E mata dois coelhos de uma cajadada: justifica, de vários ângulos, as relações entre um homem ou mulher mais velha com um jovem, vulgo pederastia, e a talhe de foice, discorre sobre a mordança do celibato dos padres, vergastando ideias controversas do catolicismo, como essa privação a que os obriga, em nome do mesmo Deus que deu as funções de procriar a todo o ser vivo sexuado.

Não é, todavia um livro sobre pedofilia nos termos em que a psiquiatria, a psicologia, a definem.

O romance de Álamo Oliveira apresenta uma tese, explicitada e apoiada na Tese de Mestrado da personagem Jonathan, orientada pela Professora Lucília: a "pedofilia" quando consentida, não é crime mas aprendizado. E cria duas situações em que prova exatamente o contrário por que esse alegado "abuso" ou perversidade se dá às avessas: o abusado é o alegado pedófilo ou pedófila. Não estamos a falar de violação de menores, e o Padre Raul frisa isso muito bem!

---

**36. LOURDES MAGALHÃES, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

---

**37. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL**



**LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA,**  
[luciano.pereira@ese.ips.pt](mailto:luciano.pereira@ese.ips.pt)

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês);  
Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e  
Literaturas Românicas

- Provas Públicas para Professor Coordenador

**1. Comunicações e artigos:**

- *L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- *As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Frankelin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*

- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*

**2. Ensaios:**

- *O universo do imaginário*
- *Os bestiários franceses do Século XII*
- *O bestiário e os contos tradicionais portugueses*
- *A fábula em Portugal*

**3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):**

- *A cidade*
- *O mundo das línguas*

**EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

**DISCIPLINAS LECIONADAS:**

Língua portuguesa, Linguística, Aquisição e desenvolvimento da linguagem, Globalização das expressões, Literatura para a infância, Literatura tradicional, Literaturas de expressão portuguesa, Cultura portuguesa, Língua, cultura e literatura francesas, Literatura universal, Literatura e mito, Literaturas comparadas, Técnicas de tradução, Retórica e argumentação, Culturas populares, Comunicação e Património Literário, Língua e cultura portuguesas para estrangeiros...



**SÓCIO FUNDADOR DA AICL - MEMBRO DO CONSELHO FISCAL**

**TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002**

**INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA**

**PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO**

**TEMA 1.3. "A ROSA NÃO TEM PORQUÊ." HOMENAGEM A UMA POETISA VULCÂNICA. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL**

Maria Eduarda Faria da Rosa nasceu no Areeiro – Capelo, na Ilha do Faial – Açores a 29 de setembro de 1947. Dos dez aos vinte anos, viveu na Horta onde desenvolveu as suas atividades escolares no colégio de Santo António, no Magistério Primário e no Liceu.

Em 1968, rumou ao continente onde frequentou o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, assim como um mestrado em Literatura Comparada na Universidade Nova. Foi professora de Línguas Portuguesa e Francesa, profissão que exerceu em Portugal (Lisboa, Rio Maior, Caldas da Rainha, Setúbal, Beja...) e em Wiesbaden na Alemanha.

Em 1999 desloca-se durante uma semana à Ilha de São Jorge, a convite da Escola Secundária das Velas. Aí, realiza uma exposição de pintura e uma sessão de leitura do seu livro "A guardadora de tesouros e a vara de ouro". Regressa nesse ano ao arquipélago para lecionar na Escola Básica 2+3 da Horta. Por várias vezes fez, em público, questão de afirmar que vivia para aprender o Amor, a Beleza e a Liberdade.

Mulher de uma sólida cultura clássica, e possuidora de uma rara sensibilidade estética, não deixa de se enternecer pela simplicidade da

cultura e da sabedoria popular. Na sua escrita convivem as mais virulentas erupções eróticas com a expressão do mais profundo misticismo ilhéu.

A autora tanto convoca Virgílio e Camões, como mergulha na contemplação do divino Espírito Santo e na saudade de um Quinto Império com Fernando Pessoa e o excelso Professor Agostinho da Silva. Mais inesperada será a voz de um Angelus Silesius: “A rosa é sem porquê”.

---

**38. LUCÍLIA MACHADO ROXO, EBI MAIA, AÇORES, ASSISTENTE PRESENCIAL**



Licenciada em português-francês pela UTAD, trabalhou em várias escolas do continente e nas Lajes do Pico, Flores, Faial.

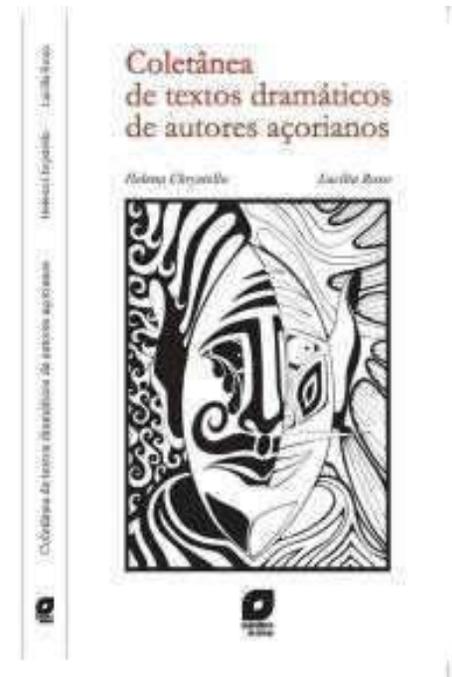
Participou, como atriz, na representação do «Frei Luís de Sousa» de Almeida Garrett em Vila Pouca de Aguiar, participou na organização de uma Tertúlia em homenagem a Miguel Torga na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro. Foi membro fundador do Teatro de Giz da Horta, tendo aí colaborado em vários espetáculos, Era uma vez um dragão...”

foi primeiro trabalho do Teatro de Giz, o grupo apresentou um espetáculo para crianças de Manuel António Couto Viana realizando também a tradução de alguns Sketches ovo+5=lonesco de Ionesco

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ**

**APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS DE AUTORES AÇORIANOS, DE QUE É COAUTORA**

**ISBN. 9789728985837**



**39. MADALENA SAN-BENTO, ESCRITORA AÇORIANA**



**MADALENA SAN-BENTO** nasceu em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel (Açores) em 1966. Atualmente reside na Ribeira Grande. Ali lecionou o segundo ciclo do Ensino Básico. Licenciou-se em História na Universidade dos Açores, em 1989. Nesse mesmo ano foi premiada pela Secretaria da Juventude e Recursos Humanos com o conto “Chuva de Cinzas”. Em 1994, ganha o prémio Vitorino Nemésio promovido pela Secretaria Regional da Educação e Cultura com o romance “Os Expostos”. Além de várias colaborações com a Imprensa regional, em apontamentos e contos diversos, publicou “Esta Santa Casa”, ensaio e crónica de cunho sociocultural e histórico, sobre a Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande (1997). Em 2005 publicou, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada o romance “Diário das Mulheres Toleradas” (prémio atribuído e patrocinado pela Secretaria Regional da Cultura). Em 2013 lançou o livro “da Anunciada” sobre a personagem ribeiragrاندense Madre Teresa da Anunciada.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

**40. MARA LÚCIA DAVID, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**41. MARCOS RODRIGUES FERREIRA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



Mestre em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Especialista em Língua Portuguesa (UNICAMP), Licenciado e Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Na Diretoria de Ensino da Região de Mogi das Cruzes atuou como professor coordenador do Núcleo Pedagógico assessorando professores de Língua Portuguesa participantes das ações de formação continuada. Como coordenador pedagógico, elaborou e executou projetos de leitura e escrita que

envolveram alunos e professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e também do ensino Médio.

Foi mediador e cursista de cursos a distância pelas plataformas Moodle, Prometeus, Brain Honey (AVA EFAP). Atualmente, participa da Equipe Técnica de Currículo da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, atuando como membro da Equipe Curricular de Língua Portuguesa, dando assessoria técnica e pedagógica (on-line e presencial) às escolas e Diretorias de Ensino da rede pública estadual de São Paulo.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**42. MARIA DE LOURDES MATIAS, ASSISTENTE PRESENCIAL**



É **SÓCIO DA AICL**

**TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013 E NO 20º EM SEIA 2013**

**43. MARIA DOVIGO, ACADÉMICA CORRESPONDENTE DA AGLP, GALIZA**



[Maria Dovigo: «Temos de quebrar a dualidade entre a língua da natureza e a língua da civilização, ideia que orienta o 'decreto do plurilinguismo'»](http://pglingua.org/agal/agal-hoje/2845-maria-dovigo-temos-de-quebrar-a-dualidade-entre-a-lingua-da-natureza-e-a-lingua-da-civilizacao-ideia-que-orienta-o-decreto-do-plurilinguismo)  
«Tive a sorte de ser aluna de António Gil Hernández, cujo magistério tanto me marcou». <http://pglingua.org/agal/agal-hoje/2845-maria-dovigo-temos-de-quebrar-a-dualidade-entre-a-lingua-da-natureza-e-a-lingua-da-civilizacao-ideia-que-orienta-o-decreto-do-plurilinguismo>

Segunda, 27 Setembro 2010 09:04

**PGL** - Maria Seoane Dovigo é uma corunhesa a residir no Portimão onde descobriu África. É embaixadora do Algarve na Galiza e da Galiza no

Algarve. Sendo criança achava que elas falavam em castelhano e os adultos em galego e quando cresceu, isso viu-se a corroborar.

**PGL: Maria Seoane Dovigo nasceu, curiosamente na Corunha. No entanto, o teu apelido não é o que parece, não é?**

**Maria Dovigo:** Pois não. Parece "do Vigo", mas não é. Só descobrimos a origem do nosso apelido através do facebook. Uma prima minha contactou com um Dovigo apaixonado pela genealogia que tinha feito a nossa árvore até 1550. Soubemos por ele que procedemos duma família sefardita que fugiu da sua Sefarad depois do decreto de expulsão dos judeus dos Reis Católicos e se assentou na República de Veneza, onde havia liberdade de cultos. O étimo do apelido é Ludovico. O engraçado é que com estas pesquisas também encontramos um outro apelido dos catalogados como de "judeu-conversos".

**PGL: Sendo teus pais galeguistas educaram-te em castelhano. Por quê?**

**MD:** Para me proteger. Não se pode explicar sem contextualizá-lo no tempo e no lugar em que os meus pais e eu nascemos: eles durante a Guerra Civil, eu, uns anos antes da morte de Franco e todos na Corunha. A minha mãe foi muito castigada na escola por falar na língua da sua mãe e sempre perguntava por quê. A única resposta era: "Tienes que hablar bien". Nunca perdoou que lhe sujassem a sua inocência de criança obrigando-a a cantar o "Cara el sol" todas as manhãs, nem que lhe roubassem o conhecimento do seu próprio país. A família de meu pai tem suficientes feridas da repressão franquista sobre as quais já nem falo: não são difíceis de imaginar. Pelos anos em que eu comecei a frequentar a escola, que tinha um professorado que não ocultava o seu franquismo, a minha mãe sabia que eu iria ser discriminada, e muito, se falasse em

galego e não quis que passasse por essa experiência. Nunca saberei se a história seria diferente se tivesse nascido dez ou mesmo cinco anos mais tarde. Na escola não havia rasto de galego para além das palavras que os alunos dizíamos nas nossas frases (todos éramos filhos de pais galego-falantes).

E a Galiza era só o nome duma região com quatro províncias entre as muitas outras que repetíamos diariamente com o ponteiro da professora sobre o mapa de Espanha. Nada mudou até 1982, quando recebemos o nosso primeiro professor de galego (passados os anos e sabendo como era a minha escola, pergunto-me o que é que ele não terá passado na altura).

Naquilo sobre o que a minha mãe tinha um poder que ninguém lhe podia roubar, no mundo dos afectos, aí sim se exprimia em galego. Falando há uns dias sobre esta pergunta com a minha irmã, ela lembrou-me a cantiga com que me arrolava para adormecer: "Esta menina tem sono,/ tem-me ganas de dormir,/ tem um olhinho pechado/ e o outro não o pode abrir". A cantar nunca aprendi noutra língua que não fosse o galego. Deve ser o território inexpugnável da minha raça (no sentido em que a minha avó utilizava o termo, os traços da família que se reflectiam na nossa alcunha: as cotovias). Não havia concerto de grupos que cantassem em galego ao que a minha mãe não me levasse, nem manifestação pelos direitos do nosso país no qual ela não participasse (nelas aprendi o nosso hino), palestra sobre cultura galega à que ela não fosse sempre comigo da mão, sempre dizendo-me: "Não te esqueças nunca disto que estas a viver". Ela queria recuperar como fosse a pátria que lhe tinham negado e fez essa viagem comigo.



O primeiro livro que ela comprou foram as obras completas de Rosalía de Castro naquela velha edição de Aguilar e depois um livro que tinha as biografias de Rosalía, Emilia Pardo Bazán e Concepción Arenal. O seu esforço por conhecer a história do país estava muito ligado à sua consciencialização como mulher, intuição que me parece bastante acertada. Pelos muitos anos que o meu pai trabalhou na que foi centenária tipografia Roel da Corunha, em casa não faltavam exemplares de revistas e livros em galego ou sobre a Galiza que eles editavam.

Com tudo isso à minha volta, lembro ter o pensamento de que as crianças falávamos em castelhano e os adultos em galego, e que quando eu crescesse também falaria em galego. A minha intuição de menina fez-se realidade. Com este ambiente foi natural que nalgum momento eu restabelecesse o fio da transmissão da língua. Foi quando lhe ouvi a um professor de galego do liceu (bem diferente da escola) dizer-nos que a responsabilidade de que os nossos filhos falassem em galego era inteiramente nossa. Foi uma pedrada na minha consciência. Voltei à casa falando em galego e foi como se nunca tivesse falado noutra língua, até hoje.

**PGL: O teu acesso à estratégia reintegracionista foi por meio de dous professores, não é?**

**MD:** Sim, fundamentalmente através de dois professores do liceu. Também tive a sorte de que a minha irmã fosse aluna de Elvira Souto na escola de Magistério. Ouvia o que a minha irmã comentava sobre o reintegracionismo e essas ideias andavam à minha volta. Depois, no primeiro ano do liceu, uma professora emprestou-me um livro em português, o Bichos de Miguel Torga e levou-me a ver uma peça de teatro da companhia Arte Livre do Brasil.

Não lembro ter tido nunca a ideia de que falava uma língua diferente do português. Simplesmente me parecia que tinham uma outra pronúncia, como os meus primos da Argentina, e que não tinham os castelhanismos do galego que ouvia na Corunha. Depois tive a sorte de ser aluna de António Gil Hernández, cujo magistério quer sobre a literatura, que era a disciplina que ele leccionava, quer sobre a linguística, tanto me marcou.

**PGL: Casaste com um homem algarvio e moras em Portimão desde há anos. Como este facto influenciou a tua visão da língua?**

**MD:** Foi mais um degrau no conhecimento da nossa língua. Não mudou a visão que tinha dela. Alargou-a é mais. Habituei-me a ouvir a nossa língua com as suas variadíssimas pronúncias, pôs-me em contacto com essa grande esperança que para mim é o Brasil e descobriu-me um continente que desconhecia completamente, que é África. A esse contacto também ajudou a origem do meu marido, que, embora "geneticamente" algarvio, nasceu e cresceu em Casablanca, as muitas conversas que tenho tido com colegas vindos das antigas colónias e o contacto diário que tenho com os meus alunos africanos.

**PGL: Estás apaixonada pelo Algarve. Aliciavas os nossos leitores e leitoras para visitar aquelas terras?**

**MD:** O Algarve é uma região dum carácter muito vincado. Não é por acaso que os reis se Portugal se faziam chamar "rei de Portugal e dos Algarves". Sempre recomendo evitar as vilas mais turísticas, pois podem ficar com a ideia de que isto está colonizado pelo inglês. Eu gosto especialmente da metade ocidental, o Barlavento (o Algarve divide-se em Barlavento e Sotavento como se fosse um barco), pelos trechos ainda virgens do seu litoral de falésias. É uma paisagem feita pelo mar, o vento e o sol, esse sol tão intenso que não deixa espaço às sombras.

No início estranhei imenso, mas agora entranhei mesmo, seguindo o ditado português. E depois convidaria-os a que conhecessem o rasto dos dois momentos históricos que mais marcaram a história do Algarve: a época do reino muçulmano (deliciem-se com os doces algarvios e leiam os nomes dos lugares, que têm uma sonoridade herdada duma outra

língua: o próprio nome do Algarve, que significa "ocidente", Aljezur, Bensafrim, Silves, Alcoutim, Odiáxere... ) e a época dos descobrimentos. Era no Algarve que o Infante D. Henrique tinha a sua escola de navegantes. Vejam a belíssima rosa dos ventos que está dentro da fortaleza de Sagres, visitem a cidade de Lagos, que tem o triste privilégio de ter o primeiro mercado de escravos africanos e também o de ser a última terra portuguesa que pisou o rei D. Sebastião antes de se perder na batalha de Alcáçsser Quibir.



**PGL: Como reagem os teus concidadãos quando lhes mostras a tua galeguidade? Sentem curiosidade?**

**MD:** Tenho vivido todos os tipos de reacções, desde os que me chamam separatista por dizer que sou galega, até o extremo contrário, os que

pensam que Portugal nunca deveria ter deixado Galiza para trás. Normalmente com os colegas do norte sempre surge uma simpatia espontânea, como a de dois vizinhos que se encontram longe da casa e até gostam de encontrar semelhanças entre o seu português nortenho e as variantes galegas.

Tem-me acontecido muitíssimas vezes uma situação estranha. Aqueles que conhecem a Galiza perguntam-me de que lugar da Galiza sou. Eu respondo: da Corunha. Correção imediata: "ah!, de La Corunha". Eu levo na brincadeira e digo que essa é a cidade do presidente da câmara. Mas houve um caso em que ia tendo uma surpresa bastante desagradável. Quando casei, a conservadora do registo civil pensou que o nome de "A Coruña" que aparecia no meu assento de nascimento era um erro e eu tive de alertá-la para que na minha certidão de casamento não aparecesse "La Coruña" como lugar de nascimento.

Já não é pouco ter de engolir o ñ. Ora, o L é que é demais. Nesse dia lembrei à conservadora que a toponímia oficial da Galiza era a galega e que simplesmente respeitasse o que aparecia no documento oficial que eu apresentava. Apesar dalguns episódios e comentários que nunca teria esperado viver e ouvir em Portugal, prefiro ficar com todos os testemunhos de carinho e interesse pelo nosso país que recebi.

Um colega que passava todos as férias de verão em Muros, um outro que tinha lido o Sempre em Galiza pela admiração que sentia por Castelão, um outro que conhecia muitíssimos versos de Rosalía, uma colega da Póvoa do Lanhoso com quem tive longas conversas sobre as falas minhotas ou o meu próprio marido, grande apreciador de palavras especificamente galegas e do nosso sentido do humor. Para além disso,

o meu marido também é reintegracionista e tem menos compreensão do que eu com a ignorância de muitos dos seus compatriotas sobre a Galiza. Já me tem repetido várias vezes aquela expressão portuguesa de "Defende a tua dama".

**PGL: Por que o Brasil é um bom trunfo?**

**MD:** Por três razões: os brasileiros não têm os preconceitos sobre nós que não poucos portugueses têm, não têm esse princípio que parece lei em Portugal de "não querer incomodar a Espanha" e muito menos ideias iberistas e porque é o país com mais falantes de português. Não compreendo a atitude de muitos portugueses de medo a perder o seu domínio sobre a língua. Lembro uma discussão sobre o Acordo Ortográfico que vi na RTP entre o professor Carlos Reis e o professor Vasco Graça Moura. "Mutatis mutandis" parecia uma discussão entre um isolacionista e um reintegracionista. O que verifico na prática, por exemplo dos professores da minha escola, é que ninguém está a seguir o Acordo.

**PGL: O facto de seres filóloga, dá alguma perspectiva especial à tua visão da questão da língua?**

**MD:** Com certeza. Dá-me conhecimento sobre as histórias das línguas, sobre a etimologia das palavras, que me faz perguntar-me por que a nossa língua "oficial" é a única língua romance que escreve "género" com uma letra inicial diferente ao do seu étimo latino, sobre todos os âmbitos da linguística... Dá-me argumentos fundamentados para defender a estratégia reintegracionista.

**PGL: Que visão finhas da Agal? que esperas dela?**

**MD:** Tinha a visão duma associação que leva três décadas defendendo a norma internacional para a nossa língua e que tem publicado textos básicos para explicá-la e difundí-la sem qualquer apoio oficial. Não espero dela nada que não me tenha dado já em todos estes anos em que segui o seu labor. Sou eu a que quer participar activamente nos avanços da nossa língua e deixar de ver tudo ao longe e, modestamente, oferecer a experiência que me deram os anos que levo em Portugal.



**PGL:** Por onde

**achas que deveria transitar a estratégia reintegracionista para avançar socialmente?**

**MD:** Acho que temos de continuar o nosso labor de dar a conhecer esta mais-valia da nossa língua. Quem não se convence sozinho das vantagens desta estratégia é por preconceitos. Eu tenho a esperança de

que, entre os que somos falantes comprometidos com a língua, se estenda cada vez mais a ideia de que é absurdo ter este tesouro da Lusofonia à nossa frente e negar-se a explorá-lo. Surpreende-me é a quantidade de pessoas que dão o passo mais difícil, reconhecer que falamos a mesma língua que milhões de pessoas no mundo, e depois não dão o passo mais fácil, que é levar essa ideia à prática usando a grafia internacional da nossa língua.

Para além disso, parece-me muito importante que divulguemos uma terminologia culta para todos os âmbitos da nossa vida. Custa, mas se continuamos a "ingresar" dinheiro no banco em vez de o "depositar", se escrevemos em "ordenadores" e não em "computadores", se "levantamos" actas em vez de "lavrá-las", se temos "xaquecas" e não "enxaquecas" e ou tantos outros exemplos mais que poderia dar, nunca conseguiremos a tal hegemonia social para o galego que procuramos.

Sei que a nossa língua se está a deteriorar pelas suas bases, mas é pela mesma razão: porque nas conversas quotidianas precisamos cada vez mais do castelhano para sermos compreendidos. Para além disso, insisto no da terminologia culta porque temos de quebrar as dualidades ideológicas entre galego e castelhano. Circula por algumas páginas um vídeo muito bonito que se chama "Para que serve o galego". Tirando uma referência ao uso da nossa língua nas novas tecnologias e à ligação com a Lusofonia (que poderia pôr em prática com outra ortografia), todas as demais palavras que se vêem na gravação dizem respeito à natureza, aos afectos ou ao âmbito familiar. Acho bem apelar aos nossos sentimentos. Mas também gostava que dissesse que serve para pedir um registo criminal (não um galeguizado "certificado de penais"), para redigir

pareceres médicos, para fazer a escritura da casa... Todos os que querem que o galego seja a língua nesses âmbitos, mesmo na norma da Xunta, têm muitas histórias para contar. É o tal "galego para objectores de consciência" do que falava o professor Carvalho Calero.



Não é suficiente com que a nossa língua seja língua familiar e de cultura (e oxalá não se percam esses usos). Temos de quebrar de vez essa dualidade entre a língua da natureza e a língua da civilização, que é uma das ideias que orientam o actual "decreto do plurilinguismo". Se calhar temos é questionar essa dualidade, que para além de me ter um

certo ar patriarcal (que está no próprio termo de "língua materna", tão justamente atacado por muitos linguistas), deixa a Natureza fora da História e da civilização, como se fosse um refúgio para o homem urbano, quando a Natureza faz parte, por vezes como protagonista principal, da História e da civilização. E nós, galegos, temos uma longa experiência que o demonstra. Ou não é a exploração até a destruição dos nossos recursos, do nosso meio, uma das constantes da história da Galiza desde a sua desapareição de facto como território soberano? Mas isso já é outra conversa.



[PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM OURENSE, GALIZA 2012](#)



**44. MARIA DE LURDES TEIXEIRA MOREIRA ALFINETE ASSISTENTE  
PRESENCIAL**



Maria de Lurdes Alfinete, de 36 anos de idade, é licenciada em Português e Inglês, via ensino, pela Universidade dos Açores. É professora de Língua Portuguesa, sendo efetiva do quadro da Escola Básica 2.3, da freguesia da Maia. Fez ainda parte do executivo da Junta de Freguesia da Matriz da cidade da Ribeira Grande e pertence à Assembleia Municipal. Ex-Adjunta para a Cultura e Assuntos Sociais, da Câmara Municipal da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel (2008 e 2013).

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**APRESENTA A OBRA “9 ILHAS, 9 ESCRITORAS” (HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO) NA  
MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

**45. MARIA LUÍSA RIBEIRO, ESCRITORA AÇORIANA,**



**Maria Luísa da Cunha Ribeiro** nasceu em 1960, em Angra do Heroísmo, nos Açores.

Tem dois livros de poemas publicados e participa em antologias e revistas literárias nacionais e estrangeiras.

É membro do P.E.N. Clube Português.

Alguns dos seus poemas têm sido traduzidos para castelhano, italiano, inglês e letão. Em 1985 ganhou o 1º prémio num concurso literário para jovens, promovido pela Direção Regional de Cultura, com o manuscrito *Fogo Branco*, publicado em maio de 1986, com o nº. 47 da coleção "Gaivota" (capa de Jorge Bettencourt e arranjo gráfico de Álamo de Oliveira). Foram editados apenas 1000 exemplares que esgotaram rapidamente.

Tem sido poeta da sombra.

De si diz: *«sinto pudor e guardo o que escrevo; não gosto de sessões de lançamento de fato e gravata; gosto de estar na sombra; gosto de estar no nevoeiro; a única maneira que tenho de falar de mim é escrevendo».*

Tem poemas seus incluídos em duas antologias de poetas açorianos (*Pai, a sua bênção* e *On a Leaf of Bleu, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*).

Também escreve contos.

Publica esporadicamente em revistas literárias como [Alhucema](#), *Storm-magazine* e *Seixo Review* ou em jornais regionais.

Em 2004 fez uma *Ex-Posição de poesia*, no Centro Cultural de Angra, intitulada "Uma pequena porção de noite".

Em março de 2005 a editora Dauro, de Granada, publicou o seu segundo livro [Outros Frutos](#), incluído na conhecida coleção Ex-Líbris e que reúne poemas de 2003 em versão bilingue.

Desde junho de 2006, Luísa Ribeiro, dá vida ao blogue [Um Abismo](#).

### **Sépia com mar ao longe (biografia)**

Nasci no segundo andar duma casa numa rua da cidade de Angra, onde não havia o perfume das laranjeiras, nem o cheiro a relva acabada de lascar. Uma casa com janelas viradas para outras janelas de outras casas iguais; casa de muitas tias, com Pai e Mãe e onde a única sombra me era dada pela magia dum irmão mais velho – irmão que me enchia os olhos de livros e medos.

E foi neste meu pulsar de criança que se espalhou a luz e que, num segredo noturno, fui procurando as curvas das palavras que melhor desenhariam um fecundo percurso de Lágrimas.

Aprendi o monólogo. E, sem nunca deixar a cidade onde nasci, limitei-me a passar por estes enigmáticos canais – veias da vida – exibindo sempre o desejo de transformar beliscões em carícias e de, ao fazê-lo, ir dando ao papel o verdadeiro encontro com a existência.

Não fiz mais do que me agarrar à lua, para espalhar o sangue e receber as pedras e brincar ao fogo e acumular as raízes e alcançar a infância dos filhos.

Sou aquilo que o tempo exige que eu registre: quando encontro a claridade procuro a sombra para descobrir o desassossego e quando encontro o desassossego, procuro a claridade para perseguir a sombra. E neste vento, às vezes tempestade, passei quatro décadas sustentando a ilha num eterno passeio entre a terra que me gerou e a terra que me receberá, num dia de sépia com mar ao longe.

[BLOG DE LUÍSA RIBEIRO](#)

[SÉPIA COM MAR AO FUNDO \(BIOGRAFIA\)](#)

[E. BETTENCOURT PINTO APRESENTA LUÍSA RIBEIRO](#)

[PREFÁCIO DE "OUTROS FRUTOS" POR NUNO JÚDICE](#)

[OS ANOS MAIS PEQUENOS DA VIDA](#)

[ABRE UMA PORTA](#)

[COME O CORAÇÃO](#)

[ATRAVESSADA \(conto\)](#)

**[PARTICIPOU NO 20º COLÓQUIO, SEIA 2013](#)**

**[FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS](#)**

---

**MARIA LUÍSA SOARES, ESCRITORA AÇORIANA **AUSENTE****



Nasceu na ilha açoriana de S. Jorge mas tem a vida repartida por Lisboa, Moçambique e Açores. Nos intervalos da atividade docente foi escrevendo. O primeiro livro publicado foi “Estranha forma de vida”(contos) e na esteira deste os livros de poesia “Ribeira submersa” e “África, o corpo e as sombras”. Iniciou-se no romance com “Quatro vozes e Virgínia”, a que se seguiram “Em nome dos princípios”, “A Ilha Décima” e “Olhando o nosso céu”. “No tempo dos jacarandás” é o seu mais recente romance. Alguma da sua escrita encontra-se dispersa por antologias e jornais ilhéus.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

Apesar de ter adquirido bilhete antes de todos os demais, motivos imperiosos de família impedem-na de estar presente

**46. MARIA ZÉLIA BORGES, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
(jubilada)**



**MARIA ZÉLIA BORGES** é Mestra e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo.

Exerceu o magistério durante cinquenta anos. Depois de lecionar na rede pública e particular no nível básico e médio em Minas Gerais e São Paulo, foi professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, onde lecionou durante trinta e quatro anos. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil. Agora, aposentada, trabalha apenas naquilo que lhe dá prazer: pesquisas de léxico, de vocabulário, enquanto namora sua terra, Portugal e Açores, nesta ordem.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**

TOMOU PARTE NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008/2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013.



TEMA 1.3. CRISTÓVÃO DE AGUIAR, ESCRITOR AÇORIANO, VISCERALMENTE ILHÉU, MARIA ZÉLIA BORGES – UPM

Cristóvão de Aguiar é:

1. Escritor insigne, sucesso de crítica, com produção respeitável, cuida ingentemente de seu mister. Ausculta a crítica e a opinião de amigos e mestres, procurando responder à expectativa de seus leitores.
2. Visceralmente ilhéu, sai da Ilha, mas leva-a consigo em suas idas e vindas. Sai da Ilha, mas a Ilha não sai dele, tanto que a chama sempre de "minha Ilha".
3. Ao produzir sua obra, define, e nela demonstra, deslumbramento e alumbramento. Nas frequentes vezes em que os dois estados de ânimo se juntam, conduz seus leitores a um estado de graça.

Procurarei demonstrar isto a partir de uma segunda leitura de sua trilogia *Relação de bordo I, II e III*. Possivelmente incluirei observação encontrada em algum outro de seus trabalhos. Foi tal leitura o presente que me dei em dezembro de 2012 e 2013.

---

**47. MÁRIO MOURA, DOUTORANDO EM HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, AÇORES**



**Mário Moura** nasceu na Ribeira Grande, São Miguel (Açores), onde reside e onde exerce funções na Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Estudou em França e nos EUA.

Lecionou no ensino secundário e universitário.

Licenciou-se em História (Via Científica), no Rhode Island College, EUA, em 1983. Mestre em Museologia e Património desde 1997, pela Universidade Nova Lisboa.

É membro da Phi Alpha Theta, (Ass. de Historiadores norte-americanos e países anglófonos), do I.C.O.M., da A.P.O.M. e da APA: Ass. Profissional de Arqueologia.

Ganhou o Lullac Award, uma bolsa de estudos na Brown University, EUA, em 1983, uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian - 1995 (programa de estudo em Espanha e Mértola) e recebeu um voto de louvor da Assembleia Municipal da Ribeira Grande pelo estudo, recolha e exposição do espólio cultural do concelho em 1986.

Atualmente é Doutorando em História do Atlântico na Universidade dos Açores, investigando a vida e a obra de um médico, natural da Ribeira Grande, republicano católico, conservador. Foi dos principais líderes da primeira República.

Apresentou o primeiro esboço em Macau no 15º colóquio e depois da última publicação, apresentou sete trabalhos no âmbito da parte curricular do doutoramento, dos quais seis dedicados ao chá, consultáveis *online* no site da Universidade dos Açores.

Publicou trabalhos científicos em revistas de Museologia sobre o Arcano. No Açoriano Oriental, 2012, colaborou com 3 trabalhos: um sobre os Moinhos, outro sobre o Arcano e outro, sobre o Presépio Movimentado do Sr. Prior no Jornal Terra Nostra duas série de artigos.

Colabora, de há quatro anos a esta parte, no jornal Expresso das Nove, e também com o Correio dos Açores e Portuguese Times: com uma série que se destina ao livro *Duas Vidas* (Manuel Raposo Marques e José Nunes da Ponte). Mantém dois blogues, sobre um, em que atualiza-a sua produção histórica e é colaborador assíduo do Recantos das Letras.

*Outros livros publicados pelo autor:*

[Cacos falantes: azulejos de corda seda e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande](#) (1998)

[Azulejos setecentistas da Capela-mor da Igreja de N.ª Sr.ª da Estrela, Ribeira Grande, Açores](#) (1998)

[A casa de João Vieira Jordão: capitalista, proprietário e «brasileiro»: azulejos oitocentistas micaelenses da Cerâmica Leite Pereira?](#) (1999)

Arcano da Ribeira Grande, (1999).

Memórias do presépio da Ribeira Grande, (1996).

Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande: um percurso terrestre à terra dos moinhos de água, (1997).

A "Mã" da água, a "santinha" e a água que dorme: acessos à mentalidade dos moleiros da Ribeira Grande, (1999).

Casos Falantes: azulejos de corda seca e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande, (1998).

Andanças dos Irmãos Botelho (2006)

Nascimento de uma Paróquia (2009)

A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" ed. Publiçor, Ponta Delgada, Açores (2010)

Cinco Vidas (2010)

**[TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA RIBEIRA GRANDE 2006, LAGOA 2008, 2009, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011](#)**

**[TEMA 2.7. ESBOÇO GEOGRÁFICO DE FÁBRICAS, DE ÁREAS DE CULTIVO E DE PRODUTORES DE CHÁ DE SÃO MIGUEL \(SUBSÍDIO PARA O SEU ESTUDO\)](#)**

Neste trabalho pergunto: que fábricas de chá existiram na ilha de São Miguel desde a primeira em 1878 da Sociedade Promotora da

Agricultura Micaelense (SPAM) até às duas atuais de 2013: Gorreana e Porto Formoso? Para respondermos corretamente a esta pergunta, há que, antes de mais, saber o que se entende por fábrica. Quem foram os produtores de chá? Antes de identificarmos o mais possível os produtores de chá, há que chegar a um consenso de trabalho: assentar se será correto dizer-se produtor ou antes cultivador/produtor. Pelo que, há que igualmente saber o que se entendia por produtores e cultivadores. Onde eram as áreas de cultura do chá? Como o fizemos: por freguesia? Por área de freguesia? Em que ilha, em que local da ilha se situavam?

Aqui, apresenta-se o resultado de um primeiro esforço. Como método de recolha, num primeiro momento, procuramos em fontes monográficas conhecidas, como resultado, reunimos o conhecido, num segundo momento, procurando em fontes desconhecidas, recolhemos o desconhecido, num terceiro, procurou-se interpretações que enquadrassem o tema, neste preciso, ou quarto, momento, procura-se sistematizar toda a informação colhida por forma a se proporcionar uma interpretação dialogante, aberta, sólida e coerente.

O produto que se oferece, corresponde apenas a uma primeira abordagem, portanto, reconhecidamente, lacunar.

---

**48. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.**

**PARTICIPA DESDE 2007 NOS COLÓQUIOS**

---

**49. NEIDE FERREIRA GASPAR, UNIVERSIDADE SÃO PAULO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**NEIDE FERREIRA GASPAR** é Bacharel em Língua Inglesa e Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, Brasil, e está

concluindo o Doutorado na mesma Universidade, sob a orientação da Profa. Dra. Zilda Maria Zapparoli. Tem vasta experiência no ensino de Língua Inglesa, tanto no ensino regular como em escolas de idiomas, nos setores público e privado.

Atualmente, é professora de Prática de Tradução para o Inglês em cursos de Extensão universitária promovidos pela *Coordenadoria de Gestão, Extensão e Aperfeiçoamento (COGEAE)* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na qualidade de membro da Equipe Técnica de Currículo da *Coordenadoria de Gestão da Educação Básica* da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, organiza e supervisiona ações voltadas à formação de professores, tais como cursos, oficinas e videoconferências, além de criar, produzir e revisar materiais didáticos.

Entre suas preferências acadêmicas está o estudo de temas relacionados à Análise do Discurso e à Tradutologia. Em sua tese de Doutorado, propôs um método para a Crítica de Tradução que combina o método matemático-estatístico-computacional de análise de textos de André Camlong com algumas proposições apresentadas na obra *La traduzione totale*, de Peeter Torop, escrita originalmente em russo e traduzida para o italiano por Bruno Osimo.

As obras escolhidas para análise foram as duas traduções para o francês do romance "Gabriela, cravo e canela", de Jorge Amado.

#### **PARTICIPOU NO 20º COLÓQUIO EM SEIA 2013**

#### **50. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, ASSISTENTE**

**PRESENCIAL**



**NORBERTO ÁVILA** nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).

Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.



[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / [www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_Ávila](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila)  
[oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)

**É SÓCIO AICL**

**TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013 E 20º EM SEIA 2013**

**TOMA PARTE NA APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA NA EBI DA MAIA DIA 24**

**51. PATRÍCIA DIAS DE MELO, ASSISTENTE PRESENCIAL CONVIDADA**



Patrícia Gaspar Dias de Melo Nunes Pequeno (neta de José Dias de Melo) tem Mestrado em *Ciências da Documentação e da Informação*, Pós-Graduação em *Ciências Documentais e da Informação*, Pós-Graduação em *Gestão e Conservação da Natureza* (Pré-Bolonha), e Licenciatura em *Biologia*. Trabalhou na organização e coordenação do **Suplemento Especial sobre Dias de Melo** comemorativo do octogésimo oitavo aniversário do nascimento do escritor no *Jornal Açoriano Oriental: Dias de Melo de Véspera* – Introdução ao suplemento do dia 8 de Abril com textos de Patrícia Dias de Melo e de Nuno Costa Santos; Suplemento **-Dias de Melo Pela Proa: Os Amigos e a Família Também**. (7-9 de Abril 2013)

- Professora contratada (Biologia/Geologia, E. S. Antero de Quental 2012
- Colaboração com a **Comissão Nacional da UNESCO 2008-2010**
- Professora contratada EBI c/Secundário de Nordeste e Escola Básica 2,3 de Capelas; 1998-2000

- Professora contratada onde exerceu funções de representante do grupo disciplinar e de directora de turma, Escola Básica 2,3 Canto da Maia. 1994-1996
- Participou em vários seminários, ações de formação e conferências ao longo dos últimos quinze anos.

---

**52. PATRÍCIA KONDO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL**



**Patricia Elisa Kuniko Kondo Komatsu.** Fui trazida pelos meus pais do Japão para o Brasil, fui viver na Amazônia, onde aprendi as primeiras palavras do português brasileiro com a professora da escolinha rural e conversando com os vizinhos da comunidade agrícola onde morava. Tanto foi o meu entusiasmo por este idioma que resolvi estudar Letras na Universidade de São Paulo. Por outro lado, nunca abandonei o interesse pela cultura japonesa, tanto que meu trabalho de mestrado discute a situação dos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial – quando esses imigrantes foram constrangidos a renunciar a aprendizagem do japonês, que se tornou proibido no Brasil como língua de instrução pelo então ditador Getúlio Vargas.

Tive ocasião de analisar os arquivos daquela época, fazendo observações sobre o português paulista falado pelos imigrantes japoneses e agentes de polícia (DEOPS-SP). Entre idas e vindas, reparti

meu tempo entre Tóquio e São Paulo, sempre em contato com a comunidade nikkei no Brasil; também colaborei com a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) e ministrei aulas de português no Japão.

Outra área de meu interesse é o Direito, tendo cursado também graduação nessa área; sendo que agora, em meu futuro projeto de doutoramento, pretendo discutir questões de Direito Linguístico.

Assim, alinhando as minhas duas principais áreas de interesse, estou desenvolvendo pesquisas sobre questões de políticas linguísticas do português no Oriente, com destaque para o português falado pelos trabalhadores brasileiros no Japão, abordando as dificuldades que esses imigrantes brasileiros têm de educar seus filhos em escolas bilíngues.

**TEMA 2.1. HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA E A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ORIENTE.**  
**PATRÍCIA KONDO – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Ao contrário do que imaginam alguns, podemos dizer que a língua portuguesa se encontra numa fase de expansão no Oriente. Destacamos três territórios linguísticos onde a língua portuguesa marca sua presença: Macau, Timor-Leste e Japão.

Em Macau, respeitando os tratados estabelecidos na ocasião da transferência da administração portuguesa para a Região Administrativa Especial vinculada à China, o português é língua oficial ao lado do cantonês, embora seja falado apenas por uma minoria linguística. A questão é controversa, mas o fato é que a nossa língua é ali legalmente protegida e ensinada em respeito à legislação.

No Japão, a língua portuguesa se fez presente com os missionários, Jesuítas, e comerciantes portugueses que lá chegaram em 1543. Porém, com a expulsão dos portugueses em 1639 os contatos foram interrompidos pelo menos até a Era Meiji (1868-1912). No presente momento é a comunidade de trabalhadores imigrantes brasileiros que chama mais atenção. Estima-se que haja por volta de 250 mil imigrantes brasileiros no Japão, constituindo um grupo de falantes do português tão significativo quanto o de Macau ou mesmo Timor-Leste.

Essa comunidade tem necessidades educacionais específicas que o poder local procura atender na medida do possível. Embora existam pelo menos 90 escolas dedicadas ao ensino bilíngue para os filhos de brasileiros, não há políticas públicas explícitas para atender às necessidades dessa população.

O Timor-Leste, por sua vez, é um caso especial: a jovem nação, que resultou de um doloroso processo de independência iniciado em 1974, tem o português como uma de suas duas línguas oficiais, ao lado do tétum, ambas garantidas pela Constituição. Timor-Leste também é membro integrante da CPLP desde 2002. A partir daí, uma interessante política de revitalização da língua vem sendo implementada, contando com a colaboração de Portugal e do Brasil. Analisando-se a legislação concernente e os dados sobre esses três territórios podemos concluir que a língua portuguesa continuará tendo, no futuro, seu espaço de destaque no Oriente.

#### **PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

#### **53. PAULA LIMÃO, UNIVERSIDADE DE PERUGIA, ITALIA.**

**DEPAIVA@ALICE.IT; DEPAIVA@UNIPG.IT**



**PAULA CRISTINA DE PAIVA LIMÃO** é Licenciada em História na Faculdade de Letras de Lisboa (1991); Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (FLUL) – 1995. Assistente do Departamento de História (FLUL) de 1992 a 1996; Assistente de investigação na Universidade Europeia (IUE) em Florença de 1996 a 1998; Leitora do Instituto Camões (de 1998 a 2001) e Leitora reitoral (de 2001 a 2007) na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Perugia; *Ricercatrice* na Universidade de Perugia desde 2007, onde leciona Língua e Linguística portuguesa e desenvolve atividade de investigação no âmbito da linguística contrastiva.

#### **É SÓCIO DA AICL**

**TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA 2009 E BRAGANÇA 2010**

**TEMA 2.1. EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: O CASO DO "PORTINGLÊS".**

**54. (ANTÓNIO) PEDRO TEIXEIRA e**

**55. PATRICIA DIAS DE MELO, ASSISTENTE PRESENCIAL  
CONVIDADA**



Patrícia Gaspar Dias de Melo Nunes Pequeno (neta de José Dias de Melo) tem Mestrado em *Ciências da Documentação e da Informação*, Pós-Graduação em *Ciências Documentais e da Informação*, Pós-Graduação em *Gestão e Conservação da Natureza* (Pré-Bolonha), e Licenciatura em *Biologia*. Trabalhou na organização e coordenação do **Suplemento Especial sobre Dias de Melo** comemorativo do octogésimo oitavo aniversário do nascimento do escritor no *Jornal Açoriano Oriental: Dias de Melo de Véspera* – Introdução ao suplemento do dia 8 de Abril com textos de Patrícia Dias de Melo e de Nuno Costa Santos; Suplemento **-Dias de Melo Pela Proa: Os Amigos e a Família Também**. (7-9 de Abril 2013)

- Professora contratada (Biologia/Geologia, E. S. Antero de Quental 2012
- Colaboração com a **Comissão Nacional da UNESCO 2008-2010**
- Professora contratada EBI c/Secundário de Nordeste e Escola Básica 2,3 de Capelas; 1998-2000
- Professora contratada onde exerceu funções de representante do grupo disciplinar e de directora de turma, Escola Básica 2,3 Canto da Maia. 1994-1996
- Participou em vários seminários, ações de formação e conferências ao longo dos últimos quinze anos.

**56. PAULO PEIXOTO, EBI MAIA**

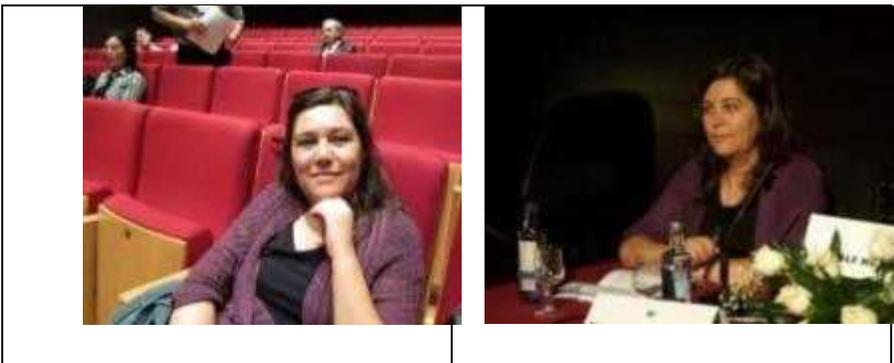


**JÁ PARTICIPARAM NO 19º COLÓQUIO, MAIA 2013 COM UM POEMA  
MUSICADO DE ÁLAMO OLIVEIRA E OUTRAS COMPOSIÇÕES.**

**TOMAM PARTE NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL COM UM QUINTETO  
MUSICAL E APRESENTAM POETAS AÇORIANOS MUSICADOS**



**57. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, PORTUGAL**



Perpétua Santos Silva é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Desigualdades, Migrações e Territórios”. Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa nesta Região. As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade,

migrações e identidades. Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA 2013

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

TEMA 1.8 LÍNGUAS DE USO E USO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU, PERPÉTUA S SILVA CIES/ISCTE-IUL

Em Macau a língua de uso corrente mais falada é o cantonês não sendo a língua portuguesa uma língua de uso generalizado e encontrando-se, aparentemente, em posição pouco vantajosa quando considerado o peso das outras línguas em presença no território. Contudo, como é amplamente conhecido, o número de estudantes de português aumentou significativamente após a transferência do exercício de soberania e na China Continental é cada vez maior o número de instituições de ensino superior a apresentar o português na sua oferta de formação. Procuraremos dar a conhecer os espaços, as situações e a frequência de utilização da língua portuguesa em Macau na atualidade, considerando, também, a perceção que os aprendentes, maioritariamente de origem chinesa, têm quanto à posição do português no panorama linguístico regional.

**58. RAFAEL CARVALHO, COMPOSITOR, AÇORES - A VIOLA DA TERRA**



<http://www.freewebs.com/violadaterra/apps/blog/>

**RAFAEL COSTA CARVALHO** nasceu na Ribeira Quente a 22 de setembro de 1980. Em 1992 aprendeu os primeiros acordes no Violão com o Pai e, em 1994, aprendeu a tocar Viola da Terra com Carlos Quental e no ano seguinte já começou a dar formação na Escola de Viola da Terra da Ribeira Quente. Atualmente é responsável pela Escola de Viola da Terra e Violão da Ribeira Quente que já formou, nos últimos 16 anos, dezenas de músicos que têm assegurado a continuidade dos grupos e tradições que existiam na Freguesia e estavam em vias de se extinguir.

É formador da Escola de Viola da Terra do Grupo Folclórico da Fajã de Baixo. Formou em 2005 com Ricardo Melo e Ana Medeiros o trio Musica Nostra com o qual lança o primeiro trabalho discográfico em 2010 "Cantos da Terra". O mesmo grupo atua em 2008 no X Aniversário da Orquestra Regional Lira Açoriana, num Concerto inédito para Orquestra e Viola da Terra. Este grupo também já atuou em 8 das 9 Ilhas dos Açores, tendo ainda atuado em Bruxelas por duas vezes, no Teatro da Trindade e na FNAC do Colombo e Alfragide.

Exerce funções docentes (professor provisório) de Viola da Terra, desde o ano letivo 2008/2009, no Conservatório Regional de Ponta Delgada. No presente ano letivo tem 15 alunos de Viola da Terra, o maior número de inscrições naquela disciplina na última década. Está a desenvolver o primeiro Programa Mínimo de Viola da Terra Micaelense para o Conservatório Regional de Ponta Delgada, da Iniciação ao V Grau, no presente ano letivo.

Concluiu o Curso Básico de Viola da Terra no Conservatório Regional de Ponta Delgada, tendo sido o primeiro músico Micaelense a submeter-se a exame de V Grau de Viola da Terra. Participou no I Encontro de Violas de Arame, de 11 a 13 de setembro de 2009, em Castro Verde, representando os Açores com a Viola da Terra. Estiveram também presentes Pedro Mestre (Viola Campaniça), José Barros (Viola Braguesa) e Vítor Sardinha (Viola de Arame - Madeira), e organizou em 2010, no Conservatório Regional de Ponta Delgada, o II Encontro de Violas de Arame com a presença também do tocador de Viola Brasileira Chico Lobo.

Em 2010 participa no Projeto Azorecombo - Transmutações para Viola da Terra num Concerto para Viola da Terra e Música Eletrónica onde tocou com @c (Miguel Carvalhais e Pedro Tudela) e Vítor Joaquim. Em junho de 2010 é convidado para tocar na Inauguração da Exposição "A arte do Violeiro", no Museu de Vila Franca do Campo, pelo Dr. Rui de Sousa Martins, tendo ao Violão o tocador Dinis Raposo e ainda Carlos Estrela à Viola da Terra.

É o responsável e Diretor Musical da Orquestra de Violas da Terra formada em fevereiro de 2011 e que conta atualmente com 30 elementos.

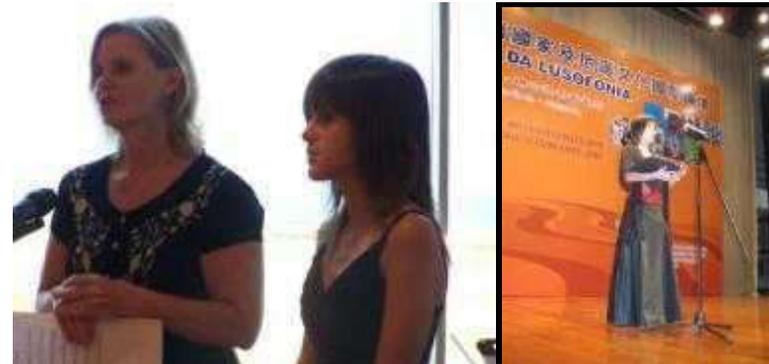
Organizou com a Associação de Juventude Viola da Terra o I Encontro de Violas Açorianas a 2 e 3 de setembro de 2011 que envolveu a presença de tocadores de 5 Ilhas dos Açores, Flores (José Serpa), Graciosa (António Reis), Pico (Orlando Martins), Terceira (Lázaro Silva) e São Miguel (Rafael Carvalho). Um evento que a Viola aguardou cerca de 5 séculos nos Açores para que se concretizasse. É responsável pelo site [www.violadaterra.webs.com](http://www.violadaterra.webs.com). Lançou a 3 de fevereiro de 2012 o seu primeiro trabalho a solo "Origens", numa homenagem a temas tradicionais da Viola da Terra mas contendo, pela primeira vez na história da Viola Micaelense, 5 temas originais. Em 2013 lançou o livro "Método para Viola da terra"



**APRESENTA RECITAL A SOLO DE VIOLA DA TERRA NA SESSÃO DE ABERTURA**

**JÁ TOMOU PARTE NA SESSÃO DE ABERTURA DO COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009 E NO 19º COLÓQUIO DA MAIA EM 2013.**

**59. RAQUEL BEATRIZ DE LIMA MACHADO - CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA**



**RAQUEL MACHADO** nasceu em Ponta Delgada, em 1987. Ingressou no Conservatório Regional daquela cidade açoriana aos seis anos de idade, onde foi aluna da Prof.ª Irina Semiónova e completou o 8º Grau de Piano com a classificação de 18 valores. Enquanto aluna daquela instituição, participou em diversas audições, recitais e concertos, como solista ou integrando grupos de música de câmara e coro. Em julho de 2009 terminou a Licenciatura em Música – Variante de Piano, na Universidade de Aveiro, na classe de Piano da professora Nancy Lee Harper e na classe de Música de Câmara do professor António Chagas Rosa. Em dezembro de 2009 recebeu o Prémio Caixa Geral de Depósitos – Melhor finalista da Licenciatura em Música, numa cerimónia que teve lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro. Participou em diversos master classes com os pianistas Massimiliano Valenti, Rudolfo Rubino, Mário Laginha, Paulo Pacheco, Sofia Lourenço, Miguel Borges Coelho, e Sergei Milstein.



No âmbito dos Cursos Internacionais de Música de Guimarães, trabalhou Música de Câmara sob a orientação de António Saiote.



Em 2007 participou no recital de encerramento do Congresso Europeu de Professores de Piano (ESMAE, Porto), e no mesmo ano atuou na Sessão Solene Comemorativa da Elevação da Ribeira Grande a Vila, que decorreu no Teatro Ribeiragrandense. Em 2006 ingressou na Lira Açoreana, sendo a primeira pianista desta orquestra constituída por jovens músicos açorianos. Enquanto membro do coro do Departamento

de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro participou em diversos concertos, dos quais se destacam a Missa da Coroação (Mozart), Requiem (Brahms), A Criação (Haydn), a Nona Sinfonia (Beethoven), Sinfonia Coral (Beethoven) dirigida pelo maestro António Saiote e onde foi solista o pianista António Rosado. Atualmente ensina no Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Como soprano, apresentou-se pela primeira vez como solista em maio de 2010 no Teatro Micaelense (S. Miguel – Açores), interpretando a Missa Breve de Delibes e Alleluia de Mozart.

Atualmente faz parte do Grupo Bruma Ensemble.

FOI CONVIDADA DOS COLÓQUIOS A BRAGANÇA 2010, MACAU 2011 E VILA DO PORTO (SANTA MARIA) EM 2011, MAIA 2013, ATRAVÉS DO APOIO DA DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES E ESTEVE PRESENTE NO 20º COLÓQUIO EM SEIA 2013.

É SÓCIA DA AICL

ATUA COMO MAESTRINA NOS DOIS RECITAIS SUBSTITUINDO ANA PAULA ANDRADE COM

no dia 25 às 12h45 - Quarteto vocal: Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo) - no dia 27 - Trio instrumental: Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas) acompanhadas ao piano pela Raquel Machado.



**60. RENATA CORREIA BOTELHO, ESCRITORA AÇORIANA [PRESENÇA  
NÃO CONFIRMADA]**



foto Mário Roberto

extrato de revista Visão <http://visao.sapo.pt/renata-correia-botelho-lei-dos-afectos=f600968>

**RENATA CORREIA BOTELHO** nasceu em 1977 em S. Miguel, Açores. Em 2001 publicou *Avulsos, Por Causa* (edição de autor, fora do mercado), em 2008 *21 HAIKU COM ASAS, URBANO E CABRAS*, em parceria com Emanuel Jorge Botelho e Urbano, Galeria 111 (Lisboa) e em 2009 *Um Circo no Nevoeiro* (Averno). Tem colaboração nas revistas *Magma* e *Telhados de Vidro*.

Renata Correia Botelho é natural de Ponta Delgada.

Licenciou-se em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, na área de Psicologia da Saúde, em 2011. Em 2006, termina uma pós-graduação em tradução (Francês) e em 2007, concluiu uma pós-graduação em Cultura e Comunicação, também pela Universidade dos Açores.

Renata Correia Botelho tem marcado uma posição de grande mérito na área da escrita, já publicou 5 livros, o primeiro deles em 2001 "Avulsos, Por Causa" e em 2008 em parceria com Emanuel Jorge Botelho e Urbano, publica "21 Haiku Com Asas, Urbano e Cabras".

A casa onde nasceu, um ponto branco em Ponta Delgada, nos Açores, era cheia de livros. Estantes completamente cobertas de lombadas, de papel cosido, de palavras de todo o género, subiam até ao teto. Hoje, Renata Correia Botelho (1977) tem livros seus para arrumar nas estantes.

Desde 2000, publicou quatro livros de poemas: *Avulsos por Causa* (edição de autor), *21 Haiku com Asas, Urbano e Cabras* (Galeria 111, uma coautoria com o pai, o poeta Emanuel Correia Botelho e o pintor Urbano), *Um Circo no Nevoeiro* e *small song* (ambos editados na Averno). Uma produção com voz coerente atenta aos afetos, aos elementos da natureza, ao quotidiano. Aliás, muitos dos seus poemas são dedicados. "Sou uma pessoa medrosa, não tenho muita confiança no futuro", explica. "Não sei quanto tempo ainda me será dado, e gosto de deixar dito às pessoas quanto as amo. Podemos fazê-lo de muitas formas, e uma delas é a escrita."

Sobre a sua poesia, diz que esta nunca será de intervenção, ou com carácter social: "Até gostaria de a fazer, mas não consigo. Não são temas que me interessem o suficiente para os fundir na minha escrita. Interessam-me os afetos, procuro a doçura e a beleza das coisas à nossa volta."

Foram os afetos que a fizeram sair da ilha e rumar ao Porto, cidade de que gostava e para onde foi estudar Psicologia, despediu-se, coisa temerária, deixando para trás uma década de trabalho em instituições

ligadas à saúde mental. Muito antes, deixou igualmente o Porto, para não enfrentar igualmente a geografia de amores aí mortos. Mas foi na Invicta que começou a "escrevinhar algumas coisas" que o pai e os amigos a incentivaram a continuar.

Hoje, diz que não escreve por necessidade. *"Passo muito tempo sem escrever, nem sequer um apontamento na ponta de um caderno. Escrevo outras coisas. Mas pode acontecer algo que sirva de detonador e atrás de um poema vêm cinco, seis, sete... Depois, há todo um processo de limpeza: gosto de deixar a madeira, a matéria à vista",* descreve.

#### **Ligações fortes**

As ligações fortes com a literatura não passam apenas pela produção poética própria. *"Tenho uma ligação visceral e absurda à Marguerite Yourcenar. É uma escritora que me comove profundamente, na qual encontro passagens de uma beleza que nunca conseguirei ser eu a dizê-la. Era uma sábia, uma mestre."* Por estes dias, afadiga-se até numa tradução da autora francesa. Mas uma outra presença feminina marcou-lhe a memória e os poemas: a cantora Lhasa de Sela [norte-americana de ascendência mexicana], que viria a ser a personagens e destinatária do seu último livro, *small song*. *"O meu contacto com a Lhasa de Sela é antigo. Tive a sorte de a ouvir, de forma casual, numa loja de discos do Porto que já não existe. Foi um encontro muito forte."*, conta Renata. *"A voz dela acompanhou-me ao longo da minha vida. Era quase a terceira voz da casa [onde a autora vivia com o então companheiro] e das casas seguintes onde vivi. A morte dela [em 2010, aos 37 anos, vítima de cancro de mama] foi um rude golpe. Acabei por ter*

*necessidade de não só de a invocar como de refazer alguns passos dela. Fui ao encontro da sua vida."*

Neste momento, Renata tem uma forte amizade com Skie, irmã de Lhasa. *"A vida dá voltas misteriosas e acabei por ficar ligada a uma família que, não sendo a minha, quase sinto com minha, pela fortíssima ligação que tinha com aquela voz"*, explica. Que a autora nunca viu/ouviu ao vivo. *"Fui egoísta, não quis estar no meio de centenas de pessoas que também cantavam a sua música."*

Salvam-na os afetos. E a poesia? *"A poesia, e as outras artes, pode salvar-nos de muita coisa. A palavra é uma âncora. Imagino que poderia viver numa situação de dificuldade. Tenho muitos livros para ler, espero nunca os ter de vender. São milhares de livros que não li, e que são uma espécie de garantia de vida. Mesmo que tudo possa ruir à nossa volta, há livros. Isso é uma segurança."*

*O vento agita as sombras  
na minha mão, lança-me  
vultos, um nome em chamuscas, versos  
afiados contra os dedos.  
sempre senti a distância mínima  
entre o poema e o medo  
de não saber regressar a casa.  
(in Um Circo no Nevoeiro)*

Ler mais: <http://visao.sapo.pt/renata-correia-botelho-lei-dos-afectos=f600968#ixzz2n7KDVqWf>

Ler mais: <http://visao.sapo.pt/renata-correia-botelho-lei-dos-afectos=f600968#ixzz2n7KABISQ>

Ler mais: <http://visao.sapo.pt/renata-correia-botelho-lei-dos-afectos=f600968#ixzz2n7K3RLdU>

Ler mais: <http://visao.sapo.pt/renata-correia-botelho-lei-dos-afectos=f600968#ixzz2n7Jz1SUy>

### **PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

### **FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

---

#### **61. ROLF KEMMLER, UTAD VILA REAL/ALEMANHA**



*Rolf Kemmler*, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde julho de 2009.

Doutorado em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, publicada em 2007.

Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 pela Eberhard-Karls Universität de Tübingen (Alemanha) com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa* (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com grande número de publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Rolf Kemmler é membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada (ICPD) e do Instituto Açoriano de Cultura (IAC).



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO

TEMA 2.4. ALGUMAS NOTAS SOBRE A PERCEÇÃO DOS AÇORES PELO MUNDO ANGLÓFONO NOVECENTISTA IV, OS IRMÃOS BULLAR E A WINTER IN THE AZORES: AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNAS (1841), ROLF KEMMLER (VILA REAL) \*

Em continuação dos nossos estudos sobre a percepção dos Açores por parte de viajantes e escritores anglófonos do século XIX, No ano de 1841, publicou-se em Londres uma obra bastante volumosa em dois volumes, intitulada *A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas*. Resulta a obra dos diários do médico inglês Joseph Bullar que passou o inverno 1838/1839 na ilha de São Miguel em companhia com o seu irmão, o advogado Henry Bullar, passando o verão seguinte nas Furnas e nalgumas das ilhas do arquipélago. Também neste conjunto de livros, que é uma das mais conhecidas obras que pertencem à literatura anglófona de viagens dedicada aos Açores, os autores oferecem um manancial de observações e comentários sobre o arquipélago que se devem a observações e juízos pessoais do autor. Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar

como as terras e gentes dos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel, foram retratadas pelos irmãos Bullar em 1841.

---

**62. ROZELI ALVES, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**ROZELI ALVES**, Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Bacharelado e licenciatura em Letras - Português e Inglês, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Especialista em currículo e avaliação na área de Linguagens da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. Experiência como docente em Língua e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Língua e Literaturas Inglesa e Americana. Atua na elaboração de materiais didáticos e na formação continuada de profissionais da educação em cursos presenciais e a distância.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

---

**63. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA AÇORIANA, ASSISTENTE  
PRESENCIAL**



**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**TOMA PARTE NAS SESSÕES D EPOESIA**

**64. TIAGO ANACLETO-MATIAS, PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS,  
BÉLGICA, MODERADOR ASSISTENTE PRESENCIAL**



**TIAGO ANACLETO-MATIAS** é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004). As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil. Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E SECRETÁRIO DA DIREÇÃO**

**PARTICIPA DESDE O 1º COLÓQUIO**

**65. VAMBERTO FREITAS, UNIVERSIDADE DOS AÇORES**



**Vamberto Freitas** nasceu nas Fontinhas, Ilha Terceira, em 1951. Emigrou com a família para os EUA em 1964, onde se formou em Estudos Latino-Americanos pela California State University, Fullerton, em 1974. Foi correspondente e colaborador do suplemento literário do *Diário de Notícias* (Lisboa) durante largos anos. Desde 1991 é Leitor de Língua Inglesa na Universidade dos Açores, tendo entretanto publicado inúmeros estudos críticos e ensaios sobre as literaturas norte-americana e açoriana. Para além da sua já considerável obra sobre estes temas e áreas de estudo, tem ainda publicado algumas traduções, principalmente da poesia de Frank X. Gaspar, e continua a colaborar em vários periódicos do arquipélago e da Diáspora com textos de crítica literária e cultural. No Brasil, tem colaboração no suplemento *Cultura do Diário Catarinense* e na revista *Cartaz: Cultura e Arte*, ambos de Florianópolis, Santa Catarina, assim como no *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, participou em congressos e colóquios em Portugal, nos Estados Unidos, Canadá e Brasil. De 1995 a 2000, coordenou o *Suplemento Açoriano de Cultura (SAC)* do *Correio dos Açores*, e de

2003 a 2006, dirigiu o *Suplemento Atlântico de Artes e Letras (SAAL)* da revista *Saber Açores*. Faz parte desde há alguns anos do Conselho Consultivo da *Gávea-Brown: A Bilingual Journal Of Portuguese-American Letters And Studies* e da Comissão Editorial do *Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta*. Lançou recentemente o seu décimo livro de ensaios, *Imaginários Luso-Americanos e Açorianos: do outro lado do espelho*. <http://pnetliteratura.pt/membro.asp?id=1003> ... (FONTE 2013/01/24 by [Das Culturas](#))

**APRESENTA O LIVRO “CRÓNICA DOS REGRESSOS” DE JOSÉ SOARES**

**66. VÂNIA DILAC, CANTORA, MOÇAMBIQUE**



**VÂNIA DILAC** é uma artista que nasceu em Moçambique, é residente há muitos anos em S.Miguel, onde nos últimos tempos tem integrado diversos projectos culturais. Dotada de um invulgar timbre e presença tendo merecido as mais positivas críticas.

Ouçã aqui <https://www.youtube.com/watch?v=YO1nJfGzLM#t=112>

**ATUA NA SESSÃO COMEMORATIVA 40 ANOS de abril**

**67. ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA, ARTISTA PLÁSTICO CONVIDADO.**

**AÇORES**



[VER CURRÍCULO COM IMAGENS AQUI.](#)

[VER PÁGINA COMPLETA AQUI](#)

**ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA**, Nasceu em 1937, na Ilha de Santa Maria, Açores, licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Artista residente no Centro de Arte Moderna em 1985-86 e bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana (1987-88).

Durante este período frequentou o Center for Advanced Visual Studies do M.I.T. - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge USA.

Além das exposições individuais e coletivas que participou, destacam-se os seguintes prémios:

- **1984** "O Futuro é já hoje?" - Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. 1ª Bienal dos Açores e Atlântico - Menção Honrosa da SREC.
- **1986** III Exposição de Artes Plástica da Fundação Calouste Gulbenkian. AICA-Philae – 1º Prémio da Associação Internacional de Críticos de Arte. Artista do ano.
- **1987** Prémios SEAT atribuídos às figuras que se destacaram nas diferentes áreas de intervenção social do país.
- **2000** Prémio Domingos Rebelo - Direção Regional da Cultura, Açores.

Está igualmente representado naquilo que se designa como Arte Pública:

- Paredes descofradas no altar-mor e na entrada da Igreja Matriz de Almada, a convite do Arquiteto Nuno Teotónio Pereira.

- Instalações/Homenagens a Goethe e Fernando Pessoa, Círculo de Leitores, Lisboa.
- Relevos da entrada e envolvente da escadaria da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e teto do Teatro Faialense, a convite do Arquiteto José Lamas.
- Painel de Azulejos, Escola Secundária de Lagoa, São Miguel.
- Painel de Azulejos, Jardim dos Corte-Reais, Angra do Heroísmo.
- Jardim de Pedra para as Vinhas do Pico (candidatas a Património da Humanidade).
- Escultura Pública "Áxis", Pousada do Castelinho de S. Sebastião, 2006

#### **68. ZECA MEDEIROS, ARTISTA AÇORIANO**



**José Medeiros**, popularmente conhecido como **Zeca Medeiros** nasceu em Vila Franca do Campo, 1951. É músico, compositor, ator e realizador português. Natural da ilha de São Miguel, nos Açores, começou a sua carreira musical tocando a bordo do paquete "Funchal", no início da década de 1970. Cumpriu o serviço militar em Angola durante a Guerra Colonial, experiência traumática que haveria de marcar boa parte da sua obra cinematográfica e musical. Algum tempo após cumprir o serviço militar, iniciou o seu trabalho para a RTP, entrando para os quadros da estação, em Lisboa, percorrendo um longo trilho de várias aprendizagens, desde as VTPs até Assistente de Realização. Trabalhou na emissora durante cerca de trinta anos. A abertura da televisão nos Açores fez com que regressasse ao arquipélago, onde deu início à sua carreira de realizador. As suas séries televisivas ficaram na memória coletiva como referências do cinema na televisão pública portuguesa: "*Mau Tempo no Canal*",

[FOI CONVIDADO DOS COLÓQUIO SEM SANTA MARIA 2011 E GALIZA 2012.](#)

[TERÁ EM EXPOSIÇÃO NO HOTEL VISTA DO VALE ARTE SUA](#)

[VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS N.º 21 DEDICADO A JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA](#)

[FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS REPRESENTANDO A SUA FALECIDA IRMÃ MADALENA FÉRIN](#)

---

"Xailes Negros" ou "Gente Feliz com Lágrimas" foram obras que realizou e para que compôs as respetivas bandas sonoras. Em alguns casos, dando voz a outros intérpretes, como Mariana Abrunheiro, Minela, Susana Coelho ou Vera Quintanilha.

A aposta na produção de ficção para televisão na região açoriana produziu ainda obras como "Balada do Atlântico", "O Barco e o Sonho", "O Feiticeiro do Vento", "A Ilha de Arlequim" e "O Sorriso da Lua nas Criptomérias".

Em 1978 gravou os singles "Pedrada no Charco" e "Vida Roseira".

Em 1995, o álbum "**Feiticeiro do Vento**" foi nomeado para o "Prémio José Afonso".

Apesar de sempre ter estado ligado a espetáculos de música que iam desde o popular ao tradicional, escolhendo visuais de certa forma formais, pelas ilhas açorianas ou mesmo pelo continente, só no ano de 1999 editou o seu primeiro disco de longa duração: "Cinefilias e Outras Incertezas", que veio a ser nomeado para o "Prémio José Afonso" daquele ano.

O seu trabalho "Torna-Viagem" recebeu o "Prémio José Afonso" em 2005

.Em 19 de abril de 2007, no Coliseu Micaelense, na edição dos "Prémios Açores Música 2006", onde vários artistas açorianos foram galardoados em várias categorias, recebeu o "Prémio Carreira - Prestígio".



Discografia - Singles

- 1978 - "Pedrada no Charco / Dia de Chuva na Cidade"
- 1978 - "Vida Roseira"

#### Álbuns

- 1983 - "Rimando Contra a Maré"
- 1986 - "Alabote!"
- 1986 - "Xailes Negros" (EP)
- 1995 - "Feiticeiro do Vento"
- 1998 - "7 Cidades, a Lenda do Arcebispo"
- 1999 - "Cinefilias e Outras Incertezas"
- 2004 - "Torna-Viagem"
- 2010 - "Fados, Fantasmas e Folias"

#### Bandas Sonoras

- 1986 - "O Barco e o Sonho"
- 1986 - "7 Anos de Música"
- 1986 - "Mau Tempo no Canal"

#### Colaborações

- 1986 - "Toadas do Vento Ilhéu"
- 1995 - "Danças e Folias" (Brigada Victor Jara)
- 1995 - "Ópera do Bandoleiro" (Carlos Clara Gomes / Trigo Limpo)
- 1996 - "Caminhos" (Dulce Pontes)
- 1996 - "Alma" (Ala dos Namorados)
- 1997 - "Encontros" (João Lóio)
- 1997 - "A Voz e a Guitarra" (Vários artistas)
- 1997 - "Balada do Atlântico"
- 1998 - "Cantigas de Amigos" (João Balão e José Moz Carrapa)

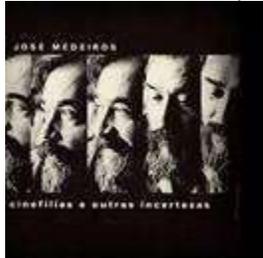
- 2009 - "MDLXIII" (In Peccatum)

**TOMA PARTE NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL. PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

Ouçã aqui Canção do Medo (José Medeiros | arranged by Rafael Fraga): <http://t.co/jfeVH4m0N5> via @YouTube



**Canção do Medo (José Medeiros | arranged by Rafael Fraga)** <http://t.co/X3Ju1fQQ19> via @youtube 25 Anos de música original nos Açores - 2010 CD/DVD pack | music recorded at Teatro Micaelense, Azores (Portugal) Track: Canção do Medo



**Minela e Zeca Medeiros - "Bons olhos te vejam" do disco "cinefilias e outras incertezas"** <http://www.youtube.com/watch?v=l0MjsujQDi8&feature=youtu.be> <http://www.youtube.com/watch?v=l0MjsujQDi8&feature=youtu.be> - Música e letra: José Medeiros Arranjo de Ricardo J. Dias António Pinto: Guitarra de 12 cordas Marino de Freitas: Baixo acústico .. 25 Anos de música Original nos Açores: Bailado da Garça (José Medeiros | arranged by Rafael Fraga): <http://t.co/X5plpNphnA> via @youtube



**Bailado da Garça (José Medeiros | arranged by Rafael**

**Fraga)** [http://www.youtube.com/watch?v=BafdxQDg\\_Ag](http://www.youtube.com/watch?v=BafdxQDg_Ag)

25 Anos de música original nos Açores - 2010 CD/DVD pack | music recorded at Teatro Micaelense, Azores (Portugal) Track: Bailado da Garça

**69. ZILDA ZAPPAROLI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL**



**Zilda Maria Zapparoli** nasceu em Itu, São Paulo, Brasil, em 2 de agosto de 1945. É professora associada aposentada junto ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), instituição em que obteve os títulos de Mestre, Doutor e Livre-Docente, e onde continua desenvolvendo atividades de pesquisa e orientação no Curso de Pós-

Graduação em Linguística, área de Semiótica e Linguística Geral, linha de pesquisa

A Linguística e suas interfaces com outras ciências. Foi professora assistente da área de Linguística Românica de 1980 a 1994, junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.

Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Informática, Linguística de Corpus e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguagem e Tecnologias, Informática e Ciências Humanas, Análise Informatizada de Textos, Pesquisas Baseadas em *Corpora*, Educação a Distância, Processamento de Língua Natural, Análise do Discurso Oral, Lexicologia, Fonética e Fonologia.

Tem mais de quarenta anos de atuação em Linguística Informática, com tese de doutorado, tese de livre-docência, pós-doutorado na Universidade de Toulouse II e trabalhos publicados na área.

É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática, certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq em 2002.

É consultora *ad hoc* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP – e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Integrou comissões e colegiados na USP, destacando-se os trabalhos relativos ao processo de informatização da FFLCH-USP, enquanto Membro da Comissão Central de Informática da USP e Presidente da Comissão de Informática da FFLCH-USP por cerca de treze anos.

#### É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO 2011 E 17º NA LAGOA 2012

TEMA 2.4. STABLEX: UMA FERRAMENTA LINGÜÍSTICO-COMPUTACIONAL PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DE CORPORA, ZILDA MARIA ZAPPAROLI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

A exploração de textos em formato eletrônico (*corpora* eletrônicos) por programas de análise linguística abre inúmeras possibilidades aos estudiosos da linguagem e impõe novas diretrizes ao ensino e à pesquisa de línguas naturais nos mais diversos campos de investigação, desde o léxico e a gramática até o texto e o discurso.

Este trabalho tece considerações sobre a ferramenta linguístico-computacional para tratamento e análise de *corpora* STABLEX (André Camlong e Thierry Beltran, Université de Toulouse II) e sobre o método de análise de textos para o qual serve de instrumento.

O programa STABLEX foi desenvolvido especialmente para análises linguísticas – indexação de textos, tratamento estatístico de léxicos, extração de sequências e concordâncias: STA – de *statistique*, TAB – de *tableaux*, LEX – de *lexique* e T...EX – de *texte*.

Por contemplar uma confluência de áreas – Linguística, Matemática, Estatística, Computação –, o programa facilita e otimiza não somente a busca, organização e quantificação, mas também a análise de dados linguísticos: apresentando-se como instrumento para análise lexical em uma perspectiva de discurso, já realiza uma análise preliminar dos dados a partir de um tratamento lexical quantiquantitativo, de forma a submeter ao analista do discurso informações em bases seguras, porque pautadas em procedimentos objetivos, para a sua tarefa de interpretação a partir dos pressupostos teóricos adotados.

O programa STABLEX foi desenvolvido em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva – *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos* de André Camlong.

O método é fundado na matemática e na estatística paramétrica (estatística descritiva); é técnica eficiente para o estudo descritivo, objetivo e indutivo do texto; permite a análise quantiquantitativa do léxico, que indica apontamentos para a análise textual e discursiva.

Assim sendo, o método e a sua ferramenta respondem, de forma satisfatória, às necessidades do pesquisador cujo objeto de trabalho é o texto e o discurso.

# PROGRAMA

XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA

## SINOPSES E BIODADOS

TERRACE CAFÉ O MOINHO,  
PORTO FORMOSO, S. MIGUEL, AÇORES

24 – 27 abril 2014





## XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA – AICL

ISBN: 978-989-8607-03-4

A LUSOFONIA ATLÂNTICA

MOINHO TERRACE CAFÉ, PRAIA DOS MOINHOS, PORTO FORMOSO, SÃO MIGUEL, AÇORES

24 – 27 ABRIL 2014

